

HADASSA M VAZ

"EU ENLOUQUECERIA
SEM VOCÊ... EU
PRECISO DE VOCÊ!"

Bela
ADVOGADO







HADASSA M VAZ

"EU ENLOUQUECERIA
SEM VOCÊ... EU
PRECISO DE VOCÊ!"

Bela
ADVOGADO



EDITORIA SEKHMET

t

Copyright © 2019 by HADASSA M. VAZ

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra - física ou eletrônica -, sem a prévia autorização do autor.

Título: Belo Advogado

Autor: Hadassa M. Vaz

Revisão: Ana Duarte

Capa e Diagramação: Queen Designer / Hadassa M. Vaz

Imagem Capa: Depositphotos

Todos os direitos reservados, no Brasil, por Editora Sekhmet.
editorasekhmet@gmail.com www.facebook.com/EdSekhmet
<http://editorasekhmet.wixsite.com/meusite>

Sumário

- 01. A vida do Advogado*
- 02. Os pais do advogado*
- 03. O filho do advogado?*
- 04. A "sorte" do Advogado*
- 05. O Jantar do Advogado*
- 06. A surpresa do Advogado*
- 07. O padrasto do Advogado*
- 08. A noite do Advogado*
- 09. A manhã do advogado*
- 10. O ciúmes do Advogado*
- 11. A bailarina e o Advogado*
- 12. A ex do Advogado*
- 13. O Amor do Advogado*
- 14. O susto do Advogado*
- 15. A promessa do Advogado*
- 16. Faça as Pazes com o Advogado*
- 17. A família do Advogado*
- 18. Belo Advogado*
- 01. Bônus*

02. Bonus

Só quero agradecer do fundo do meu coração a todos e todas que vieram ler essa história e compartilhar comigo um pouco da loucura de Ísis e todo o charme de Ramon lá no Wattpad, onde a história foi postada originalmente.

*E claro, beijos para vocês, meus Puddins!
Obrigada por acompanharem comigo essa jornada...*



Ramon entrou no apartamento e afrouxou sua gravata, enquanto tirava seu casaco e o pendurava no espaço destinado aos casacos no hall de entrada. Abrindo um pequeno sorriso, ele sentiu o cheiro de torta de frango vindo da cozinha.

Desde que haviam se mudado juntos, Ísis tinha insistido que precisava melhorar suas habilidades culinárias, pois não era justo que ele cozinhasse para ambos. Nem sempre ela acertava. Ainda se lembrava bem dos primeiros pães completamente torrados que a jovem havia feito, mas ela estava melhorando aos poucos. Ao menos já não errava tanto em receitas mais simples.

— Ísis? — ele a chamou, sem receber uma resposta.

Caminhando até a cozinha, reparou que ela estava com fones de ouvido e requebrava ao ritmo da música que estivesse ouvindo, seja lá qual fosse. Tudo que ele pôde fazer naquele momento foi encostar-se no batente da porta e apreciar a visão do belo traseiro de Ísis naquele short jeans. Lá fora, estava um frio congelante, mas com o apartamento aquecido, ela não tinha problemas em usar roupas mais curtas.

— Merda! — Ísis praguejou, assustada, ao se virar e se deparar com Ramon a observando. — Que susto, *Ramonzito* — disse Ísis, colocando a mão sobre o peito.

Rapidamente, Ramon abriu um largo sorriso e caminhou até a morena, enquanto ela retirava seus fones de ouvido.

— Você teria me ouvido, se estivesse sem esses — ele disse apontando para os fones que ela tinha retirado. — Eu não sou exatamente o mais silencioso dos seres, você sabe.

Ísis apenas mostrou a língua para o namorado, que começou a rir, para então lhe roubar um beijo.

— É cheiro de torta de frango que eu estou sentindo?

Ísis acenou que sim com a cabeça.

— Com *cream cheese*... Sua favorita! Peguei a receita com sua mãe — ela disse, com um sorriso.

Ramon abriu um largo sorriso, se inclinando na direção de Ísis e beijando-a.

— Obrigado — Ramon disse, olhando fixamente nos olhos dela.— Sabia que você está parecendo uma perfeita dona de casa assim? — Ele a provocou, então a puxou para si, num abraço apertado, no qual Ísis deu um soco em seu estômago com o cotovelo. — Retiro o que eu disse...

— Hum... Bom saber. Não sou nenhuma Amélia, nem tenho intenção de ser — ela respondeu, brava, o que fez com que ele risse ainda mais e depositasse um beijo na testa dela.

— Eu sei que não, Ísis, você nunca poderia ser simplesmente uma perfeita dona de casa...

— Que bom que você sabe que...

— Você é louca e insana demais para isso — completou Ramon.

Ísis deixou escapar um pequeno rosnado e estava prestes a dar um tapa no ombro de Ramon, quando ele segurou sua mão e beijou seu pescoço.

— E é isso que eu amo em você, minha doce bailarina.

— Ama é?— ela questionou-o, com um sorriso malicioso, enquanto erguia a sobrancelha.

— Sim, amo. Minha vida seria muito chata sem você aqui...Se eu quisesse uma Barbie, poderia ter ficado com Estela... *OUCH*, isso dói, Ísis. — falou Ramon esfregando o local do soco em seu estômago.

Ísis não pode evitar e riu.

— Então não fique falando de suas exs...

— Que namorada mais ciumenta é essa minha! — Ramon disse, brincalhão, enquanto envolvia Ísis num abraço, passando a beijar seu pescoço, porque sabia que ali era o ponto sensível dela.

— Uhum... Muito ciumenta, não se esqueça disso... Ramon, pare, o jantar está pronto...

— Podemos deixar o jantar pra depois, eu quero pular direto para a sobremesa.

Rindo, ele jogou Ísis em suas costas, como se fosse um saco de batatas, e deu um leve tapa em sua bunda, ouvindo a morena rir.

Caminhando pelo corredor, ele abriu a porta da esquerda e adentrou o quarto, jogando Ísis sobre a cama, ainda que com certo cuidado, vendo a morena abrir um sorriso malicioso em sua direção.

O quarto em tons de marrom e ocre, com as paredes em bege, era bastante masculino, mas pequenos detalhes deixavam clara a presença de Ísis no apartamento de Ramon, como as flores no quarto e as almofadas coloridas sobre a cama.

— A torta vai esfriar...

— Não tem problema, podemos aquecê-la depois, porque prefiro provar você primeiro— Ramon disse, com um sorriso malicioso, enquanto abaixava o short de Ísis. — Você sabia que está nevando lá fora, não? — ele perguntou, apontando para as janelas de vidro do quarto, que mostravam a visão da vida noturna de Nova York e a neve branca que caía.

— Claro que eu sei...

— Então como a senhorita consegue usar apenas esse pequeno pedaço de pano? — Ramon perguntou, com um sorriso de lado, enquanto erguia o short em suas mãos.

— Coloquei o termostato no mais alto possível...

— Você é louca, menina— Ramon disse, entre risos. — Não quero que fique gripada.

— Mas veja, eu tô com meias e luvas grossas e, além disso, esse casaco é super quentinho.

— Como você pode se aquecer toda, mas deixar as pernas de fora?

Ísis apenas riu, divertida.

— Ora, é que tem uma parte do meu corpo nessa região que é sempre muito quente...— ela o provocou.

— Temos que conferir isso agora, não?— Ramon disse, com um sorriso malicioso, enquanto retirava a calcinha da garota e colocava um dedo no interior da jovem, sentindo-a úmida e excitada. — Caralho, Ísis, já molhada! — ele disse, deixando escapar um pequeno gemido.

— Só pra você.

— Não podemos desperdiçar isso, não? — Ramon perguntou, com um sorriso de lado, enquanto colocava sua cabeça entre as pernas de Ísis e passando a chupá-la e lambê-la como se tivesse todo o tempo do mundo.

— Puta que pariu! — gemeu Ísis, completamente enlouquecida, quando sentiu os dedos de Ramon se juntarem à sua língua. O homem claramente sabia o que fazia...



Ísis passou a mão sobre o outro lado da cama, estranhando a ausência do corpo de Ramon.

Ainda sonolenta, ela reparou que nevava lá fora, a cortina estava aberta e ela podia ver as gotas de água pela grande janela de vidro. Sentado na poltrona, apenas com sua calça de moletom, olhando a neve, estava Ramon.

— O que houve? Volte pra cama... É frio aqui sem você — disse Ísis, com uma voz manhosa.

— Eu já vou.

Algo no tom de voz do moreno deixou claro que não estava tudo bem.

— O que te preocupa? — perguntou Ísis, indo se juntar a Ramon na poltrona, sentando-se em seu colo.

— O que nossos pais vão dizer ou fazer — ele confessou.

Ísis não ficou tão surpresa ao notar o que incomodava o namorado. Paula tinha lhes dito na semana anterior que havia convencido Carlos a vir a Nova York e conversar com os dois, ambas as mulheres tinham esperanças de que os homens se entendessem.

Fazia oito meses desde que tinha ido morar com Ramon, um ano desde a briga entre seu pai e o namorado, e ela ainda não sabia o que tinha acontecido, o pouco que havia arrancado de Ramon é que Carlos, ao descobrir sobre o relacionamento dos dois, não encarou isso muito bem. O resto ainda era um mistério.

— Não se preocupe, *Ramonzito*... — falou Ísis, depositando um beijo de leve sobre o pescoço dele. — Não importa o que meu pai pense, eu não vou te deixar escapar de mim... Eu demorei tempos demais para fincar meus dentes em sua carne e não te largo mais.

— Fincar os dentes? — ele perguntou, entre risos.

Ísis deu um tapa de leve no ombro dele, rindo logo em seguida.

— Você sabe o que eu quis dizer... Não seja um bocó.

Ramon abriu um pequeno sorriso.

— Sei sim... Obrigado — ele disse, em um tom gentil, roubando um rápido beijo de Ísis.

— Volta pra cama comigo... Prometo que vou ser fofa e não tarada e te abraçar. A cama é fria sem você lá...

— Você consegue ser fofa? — Ramon questionou, erguendo uma sobrancelha.

Ísis deixou escapar uma risada.

— Às vezes, sim... — ela disse, de um modo engraçado, dando de ombros. — Só preciso desligar minha safadeza um pouco.

— Não desligue sua safadeza... Eu adoro ela — provocou Ramon.

— Esquecemos a torta — disse Ísis, de repente, ao se lembrar da torta de frango que havia feito horas antes. — E agora que eu acordei, estou começando a sentir fome.

— Atacar a cozinha agora? — sugeriu Ramon, divertido, erguendo uma sobrancelha.

— VAMOS! — respondeu Ísis, animada, roubando um beijo de Ramon e começando a se vestir. — Vou aquecer a torta. Traga o vinho...

02. OS PAIS DO ADVOGADO



Carlos esfregou as mãos uma na outra, e depois soprou seu hálito quente entre elas, procurando produzir um pouco de calor. Ele tinha se esquecido de como Nova York poderia ser fria naquela época do ano.

— Eu estou congelando aqui, sentindo-me como um peixe no congelador — reclamou o homem para sua esposa. — Onde estão aqueles dois? Quero sair logo desse aeroporto. — questionou Carlos, olhando ao redor. — Aposto que ele está atrasado de propósito.

Paula respirou fundo para não revirar os olhos com as reclamações do marido.

— Ísis enviou uma mensagem faz pouco tempo, lembra? Houve um pequeno acidente próximo ao aeroporto, por isso eles acabaram se atrasando.

Carlos simplesmente não disse nada, preferindo encarar a sola de seus sapatos perfeitamente lustrados.

— Querido, por favor, se comporte e seja educado, sim? É muito importante pra mim e pra sua filha.

Respirando fundo, Carlos fez um pequeno círculo sobre a cabeça, como se desenhando uma auréola.

— Viu? Esse é o sinal de que eu vou me comportar como um verdadeiro anjo. Não precisa se preocupar — disse Carlos, em um tom provocativo.

Paula realmente esperava que o marido estivesse sendo honesto.

Aquele encontro era muito importante para si... Para toda sua família, na verdade. Tinha sido difícil convencer aqueles dois teimosos — e, por isso, entenda Ramon e Carlos — a se darem uma chance e passarem aquele Natal juntos. Como uma verdadeira família.

Ela e Ísis esperavam que pudessem descobrir o que tinha acontecido meses antes e encontrar uma forma de que os dois homens fizessem as pazes, porque aquela situação era muito complicada, afinal, de um lado estava seu filho, e do outro, seu marido, e para Ísis, de um lado estava seu namorado, e do outro, seu pai.

Honestamente, era por temer uma situação complicada assim que de início ela havia encarado com desconfiança o relacionamento dos dois, mas ao perceber o modo como Ramon e Ísis se encaravam na festa de seu aniversário, ela finalmente percebeu que ela precisava apoiá-los.

— Deixe-me aquecê-la. — Carlos se ofereceu, quando viu que a esposa esfregava suas mãos em sua calça.

Rapidamente, o homem colocou as mãos de sua esposa entre as suas, esfregando e assoprando sobre elas para aquecê-las. Era em momentos como

esse que Paula se sentia uma mulher de sorte por ter aquele homem na sua vida.

Carlos Mariano Andrade não era um homem de muitas palavras, ou grandes gestos, mas demonstrava o quanto se importava com aquele casamento em pequenas atitudes que sempre aqueciam o coração da mulher.

Ele era um homem de ação acima de tudo. Se a visse com dor por exemplo, ele não perguntaria nada, simplesmente se aproximaria, mediria sua temperatura, e então voltaria tempos depois com Tylenol e um chá para gripe.

Uma vez, no passado, ela tinha se apaixonado por um homem completamente diferente de Carlos Mariano, o pai de Ramon.

André era mais velho que ela por 3 anos, era um aventureiro, espalhafatoso, animado, do tipo que fazia grandes gestos, falava coisas bonitas. Aos 16 anos, no auge da empolgação hormonal, ele tinha lhe parecido perfeito.

Naquela época ela não queria uma vida comum e simples, odiava a ideia de rotinas, queria liberdade, não segurança.

Mas ao se ver grávida aos 18 anos, sozinha e sem respostas de André, que nunca lhe respondeu sua carta sobre estar grávida de um filho dele, toda aquela ingenuidade de menina tinha desaparecido e uma mulher forte que sabia que seu filho precisava de uma mãe tinha surgido.

Ela não se arrependia de nada que tinha aberto mão logo que Ramon nasceu para poder criar seu filho.

Foi nessa época que ela entendeu que não havia problemas em rotina, que a segurança não a impedia de ser livre, que coisas simples como sair para tomar um sorvete só porque era um dia de sol lá fora já era algo especial.

Ela reconhecia que provavelmente jamais olharia para Carlos uma segunda vez se o tivesse conhecido naquela época, o marido teria sido um chato para a jovem que ela tinha sido.

Ainda bem que ela havia amadurecido ao longo daqueles anos, porque Carlos tinha se mostrado a pessoa certa para estar junto.

E seu marido era tão lindo, aquele brilho moreno em sua pele, a barba rala e os cabelos castanhos cacheados. Era um homem alto, não tão musculoso, mas que ela sabia que por trás das roupas que usava escondia alguns músculos.

Paula era seis anos mais velha que o marido, mas as vezes ela sentia como se ela fosse a mais nova.

Sim, Carlos Mariano era um homem lindo, incrível e atencioso, o que não mudava o fato que também era turrão e teimoso, fatos que a lembravam de seu filho.

A teimosia era algo que os dois combinavam perfeitamente.

Dois cabeça duras, isso sim, pensou Paula consigo.

Aqueles dois teimosos nem mesmo queriam contar qual era o motivo da

briga entre eles.

Alguns minutos depois ela escutou o som da voz de Ísis, enquanto ela se aproximava do casal. Ramon vinha logo atrás da namorada, caminhando calmamente.

— Mamãe!! — disse Ísis empolgada, pulando para abraçar Paula. — Eu estou tão feliz que vocês estão aqui, finalmente. Esse será um Natal incrível.— comentou a garota, muito empolgada.

Abrindo um largo sorriso, Carlos abriu os braços e sua filha logo se aninhou entre eles. Paula sempre achava linda a interação entre o Carlos e Ísis

— Olá minha bonequinha.

— Papai! — disse Ísis envergonhada.— Eu não sou uma criancinha, não me chame assim.

Carlos apenas riu e bagunçou o cabelo da filha.

— Você sempre será minha menininha, ainda que tenha cinquenta anos. — ele brincou, mas logo seu sorriso desapareceu ao se deparar com Ramon. — Ferraz... — ele disse com um leve acenar de cabeça.

— Andrade...— Ramon respondeu ao cumprimento, fazendo Ísis revirar os olhos.

— Sério? Vocês vão ficar se tratando pelo sobrenome? — perguntou a bailarina.

Paula concordou com Ísis, acenando com a cabeça. Os dois homens permaneceram em silêncio.

— Arghhhhh! Seus teimosos — Ísis reclamou, dando um chute na canela do pai e do namorado.

— Arghhhhh, Ísis. Não precisa ser tão violenta — reclamou Ramon, enquanto mancava.

— Isso é pra vocês dois pararem de serem uns idiotas...— ela disse, colocando as mãos em sua cintura e erguendo uma sobrancelha. — Vamos, mamãe.

Paula abriu um sorriso de lado e aceitou ser puxada para longe por Ísis.

— Ela é idêntica à mãe. — comentou Carlos, enquanto mancava ao lado de Ramon, que também mancava — A mãe de Ísis era tão difícil quanto minha filha...

— Sim, nota-se que a sua filha tem um gênio difícil.

Carlos apenas concordou com um acenar de cabeça.

03. O FILHO DO ADVOGADO?



Ísis abriu sua bolsa e retirou sua escova de dentes de lá, colocando um pouco de pasta nela enquanto encarava sua imagem pálida no espelho à sua frente.

— Você está bem?— perguntou Jane, preocupada com a amiga. — É a terceira vez que você vomita essa semana já.

Ísis terminou de escovar os dentes, retirando o gosto ruim de sua boca e sorriu para a amiga.

Ela e Jane tinham se conhecido na primeira semana de Ísis na nova faculdade. Ísis estava resolvendo alguns problemas na secretaria sobre sua transferência quando a garota ruiva de olhos verdes escondidos atrás de um par de óculos entrou na sala.

Haviam se sentado lado a lado na sala de espera e acabaram saindo de lá amigas.

Jane Sullivan estudava Belas Artes e estava no segundo semestre. Era uma garota doce e tímida, mas de algum modo engraçado, as duas haviam combinado.

— Eu estou bem, deve ser apenas uma virose — ela disse, com um sorriso gentil, arrumando os fios de seus cabelos que escaparam de seu coque.

— Ísis... Olha, eu não quero te assustar. Mas você e seu namorado usam camisinha, né?

Ísis simplesmente não disse nada. Ela e Ramon sempre se protegiam, mas havia momentos em que eles se esqueciam disso.

Ela havia tentado ir para a pílula anticoncepcional, mas seu organismo não a havia aceitado muito bem, e ela estava conversando com sua ginecologista sobre qual seria a melhor opção. Talvez ir para os anticoncepcionais injetáveis fosse melhor que o de uso oral.

— Olha, está tudo bem. Eu e Ramon tomamos cuidado sempre.

— Então, sem chances de uma pequena Ísis a caminho? — questionou Jane, em um tom provocativo.

Ísis rapidamente abriu um pequeno sorriso e bateu na madeira da porta do banheiro.

— Isola...

Jane não pôde evitar e riu da reação exagerada da amiga.

— Mas, pra ser sincera... Tem uma chance— Ísis admitiu, um pouco nervosa, enquanto esfregava as mãos em sua calça. — Sabe, às vezes, na empolgação a gente esquece...

— Entendi...— Jane comentou simplesmente.

— Mas deve ser só uma virose, não? — perguntou a bailarina, mordendo o lábio inferior, enquanto andava com Jane pelos corredores da escola.

Verdade fosse dita, ela ainda não estava pronta para ser mãe.

Seu relacionamento com Ramon mal tinha começado. Eles ainda estavam aprendendo a viver juntos como um casal, o que, claro, gerava alguns momentos difíceis entre eles, e ela ainda nem sabia o que rolava entre seu pai e seu namorado.

Não, aquele não era o melhor momento para ter uma criança.

— E se você estiver grávida? — Jane quis saber.

Ísis refletiu por alguns segundos sobre a pergunta de Jane.

Um filho, seu com Ramon, uma prova do amor dos dois... Aquilo a assustava, mas curiosamente a deixava empolgada e feliz com a ideia.

— Então essa criança será muito bem quista e amada...— Ísis comentou, com um pequeno sorriso.— Mas eu realmente espero que seja só uma virose dessa vez.

— Você precisa fazer um teste de gravidez, e logo!

— Eu vou — Ísis prometeu.

Jane não comentou mais nada, o que a bailarina agradeceu. Ela tinha vários pensamentos para colocar em ordem naquele momento.

Se estivesse grávida, como Ramon receberia a notícia? Ele ficaria feliz? Bravo? Diria que ela era jovem demais para ser mãe?

Sabendo que não havia como se preocupar tão cedo, Ísis procurou afastar aqueles pensamentos de sua cabeça.

Abrindo um largo sorriso, Ísis notou que Paula a esperava na saída da faculdade de artes e música em que elas estudavam.

— Olá. O que acha de irmos tomar um chocolate quente?

— Mãe! — disse Ísis animada, abraçando a mulher.— Eu adoraria, hoje está muito frio, seria ótimo algo quente para aquecer... ah, permita-me apresentá-las. Jane, essa é minha mãe, Paula Andrade. Mãe, essa é Jane Sullivan, uma amiga minha aqui de Nova York.

— Olá, querida, prazer em conhecê-la, senhorita Sullivan— disse Paula, depositando dois beijos na bochecha de Jane.

A garota ficou um pouco assustada de início, mas já tinha reparado pela amiga que os brasileiros eram naturalmente amigáveis.

— O prazer é todo meu. Pode me chamar de Jane, se quiser. Não há necessidade de ser tão formal.

— Vem conosco tomar um chocolate quente?— Paula ofereceu a ela, gentil. Jane rapidamente recusou, com um acenar de cabeça.

— Eu agradeço o convite, mas tenho que recusar, já tenho um

compromisso. Além disso, acho que ambas precisam de um momento de mãe e filha.

— Tudo bem, podemos marcar uma próxima vez — Paula respondeu.

— Será um prazer. Até depois, Ísis... Foi um prazer conhecê-la, senhora Andrade.

— Pode me chamar de Paula, não precisa ser tão formal.

— Se insiste... Ísis, depois você me conta o resultado que deu no teste, ok?

— Jane lhe pediu.

Ísis sentiu vontade de dar um chute na canela de Jane naquele momento, após o olhar estranho que Paula lhe lançou, mas ela apenas sorriu para a amiga. Sabia que Jane não tinha feito por mal. Às vezes ela era simplesmente muito desligada.

— Pode deixar... Vamos, mamãe? — Ísis perguntou, enquanto colocava seu braço entre o de Paula.

— Ah, sim, claro... Até outro dia Jane — Paula respondeu.

— Vamos, mamãe.

Paula abriu um sorriso de lado e aceitou ser puxada para longe por Ísis.



— Então, o que está acontecendo? — quis saber Paula, momentos mais tarde, enquanto tomavam um pouco de chocolate quente em uma loja.

— Como assim? — Ísis tentou disfarçar, tomando mais um gole seu chocolate. — O que está achando do hotel em que estão ficando? — ela disse, para fugir do assunto.

Seu pai tinham decidido ficar em um hotel próximo ao apartamento de Ísis e Ramon. Sabendo que não venceria aquela resistência, Ísis achou melhor saber quais disputas escolher para lidar com seu pai.

Paula apenas ergueu uma sobrancelha.

— É um ótimo hotel... mas, querida, eu te conheço bem, sei quando está tentando disfarçar algo ou quando está nervosa... Então, o que houve?

Ísis respirou fundo, tomou mais um gole do chocolate quente, e finalmente tomou sua decisão.

— Eu preciso que vá comigo comprar uma coisa... Um teste de gravidez.

Paula não disse nada por alguns minutos, o que deixou Ísis ainda mais nervosa.

— Eu entendo. Vamos, eu vou contigo à farmácia.



Alguém lá em cima estava realmente disposto a ferrar com ele e com seu Natal.

Ele queria aproveitar aquela data em especial para pedir Ísis em casamento. Fazia algumas semanas que tinha escondido a caixa com o anel em meio a suas cuecas. Por enquanto, o segredo estava seguro, e ele esperava mantê-lo assim até às vésperas do Natal.

Mas, claro, nada poderia ser tão perfeito. Quando ligou para Carlos há duas semanas, convidando-os para virem passar o Natal em família, ele esperava acertar as coisas com seu padrasto antes de fazer o pedido de casamento para a filha dele.

Só que Carlos não cederia nem um centímetro. Todas as suas tentativas de se aproximar do homem e de pedir sua benção e aprovação eram facilmente desviadas por ele.

Não era como se ele se importasse com a opinião de seu padrasto. Ele se casaria com Ísis com ou sem a aprovação e benção do homem, mas ele sabia que era importante para sua namorada que seu pai estivesse presente no dia de seu casamento.

E era por isso que ele estava tentando.

Por Ísis, e apenas por ela.

Mas, a cada tentativa frustrada, maior era a vontade de Ramon de gritar algumas poucas e boas na cara do senhor Andrade. Merda, ele nem mesmo tinha contado a Ísis, apesar das constantes insistências dela, o motivo da briga entre eles, porque ele não queria estragar a imagem que a menina tinha do pai.

Dois meses.

Fazia dois meses, desde que comprou aquele anel, que ele tinha tentado encontrar uma forma de se aproximar daquele velho teimoso.

Agora ele sabia de onde vinha a teimosia de Ísis. Era de família, provavelmente.

Não que ele se importasse muito com a teimosia da namorada, fora justamente por isso que eles ficaram juntos, não? Porque Ísis havia sido teimosa

e não tinha desistido dele, mesmo quando ele continuava dizendo não, ainda que, no fundo, hoje ele admitia que sempre quis dizer sim.

Se ele dissesse isso em voz alta, poderia soar como um maldito pervertido, mas ele estava seguro de si. Não tinha olhado com Ísis com outros olhos até ela ser oficialmente maior de idade.

Quando o aniversário de dezoito anos dela estava se aproximando, a barreira ética e moral que o impedia de agir começou a fraquejar e ele começou a finalmente enxergar Ísis com atenção.

Fora por isso que fugiu daquela vez no banheiro. Ele se sentia como um velho sujo se aproveitando dos sentimentos puros de uma garota inocente.

Mas, no final, Ísis conseguiu o que queria, não? Ela havia provado a Ramon, do jeito dela, que estava tudo bem que ele retribuísse o amor dela, que não era errado, que ele não estava se aproveitando dela.

Honestamente? Hoje em dia, ele acreditava piamente que era Ísis que se aproveitava dele... Não que ele tivesse algo contra isso. Ele adorava toda aquela safadeza da namorada, todo seu lado pervertido e bem-humorado.

Respirando fundo, Ramon procurou se concentrar nos documentos à sua frente. Lembrar-se das brincadeiras e perversões de Ísis não o estava ajudando, afinal, seria muito estranhando se alguém entrasse em sua sala e o visse de pau duro.

Rindo do quão idiota e adolescente parecia toda aquela situação, seus olhos se fixaram no porta-retratos sobre sua mesa.

As pessoas tinham ficado surpresas quando ele colocara aquele porta-retratos ali, afinal, até então, ele nunca tinha colocado ali foto de nenhuma de suas antigas namoradas, mantendo apenas a foto dele e de sua mãe. O fato de que agora um novo porta-retratos habitava sua mesa, ao lado da mesma velha foto que tinha com sua mãe, deixou bem claro para os demais que aquela namorada era diferente das demais.

Era especial.

E eles tinham razão, Ramon pensou consigo, Ísis era muito especial.

Seus dedos tocaram com cuidado o vidro do porta-retratos. Na fotografia, Ísis beijava sua bochecha, enquanto ele olhava surpreso para a câmera, e no fundo estava uma das fontes do Central Park.

Ele adorava aquela foto. Fora nesse dia que ele percebeu que não precisava esperar mais para descobrir: eles eram feitos um para o outro e ele se casaria com aquela garota.

Lembrar-se do pedido de casamento não feito apenas azedou seu humor, porque fez com que se lembrasse justamente do motivo que o tinha impedido de realizar o pedido até agora: Carlos Mariano Andrade.

Maldito homem teimoso!

Mas Ramon daria um jeito. Ele queria fazer o pedido no Natal, e ele o faria! Ele tinha convencido Carlos a vir para Nova York, não? Isso poderia ser considerado meio caminho andado.

Claro, ele contara com a ajuda de sua mãe. Dona Paula era sempre uma força a ser considerada. E o melhor de tudo era que ela estava a seu lado em relação a seu relacionamento com Ísis, e ele sabia que esse apoio contaria muito a seu favor no final.

Em sua mente, Ramon começou a armar um plano para conseguir conversar com Carlos sem que ele fugisse pela tangente.

Ele convidaria os mais velhos para um jantar em seu apartamento com Ísis, usaria como desculpa que queria mostrar a vizinhança e o apartamento a eles. Carlos poderia até recusar no começo, mas ele acabaria cedendo no fim, fosse pela chance de passar um tempo com sua filha, ou por insistência de sua mãe.

Depois disso, só precisava pedir a sua mãe que distraísse Ísis pelo tempo suficiente para que ele pudesse conversar com seu padrasto.

Era o plano perfeito. Afinal, o que poderia dar errado? Claro, ele teria que cozinhar. Apesar de Ísis ter melhorado muito na cozinha, ele ainda era muito melhor que ela nesse quesito. Ela estava se esforçando, e ele reconhecia isso, mas tudo que tinha sair perfeito naquele jantar.

Decidido, discou rapidamente o número de sua mãe, afinal, precisaria da ajuda dela naquele plano.

Ela atendeu no oitavo toque.

— *Olá, querido, tudo bem?*

— Oi, mãe, pode falar agora? — ele perguntou.

— *Ah, claro, querido, só um segundo. Vou ver se Ísis precisa da minha ajuda.*

— Vocês duas estão juntas? — perguntou Ramon, muito curioso.

— *Ah, sim... Estamos. Viemos... Viemos tomar um chocolate quente juntas.*

Sua mãe parecia um pouco tensa naquela ligação, como se escondesse algo, mas ele achou melhor não a questionar, porque sabia que sua mãe ficaria brava se ele a questionasse demais, e ele precisava de sua ajuda naquele momento.

— Poderia se afastar dela? — ele pediu — Preciso falar algo com você, mas não quero que Ísis ouça, pelo menos não agora... É sobre o anel— ele sussurrou o final, sabendo que sua mãe entenderia.

— *Ah, claro, posso sim... É Ramon*— ele ouviu sua mãe comentar, e então ela sussurrou as palavras seguintes: — *Não... Nada ... Ísis mandou um beijo.*

Ramon abriu um pequeno sorriso.

— Diga a ela que enviei outro.

— *Ele te enviou um outro...* — Ramon ouviu sua mãe falar ao telefone, provavelmente para sua namorada. — *Então, do que precisa, querido?*

Ramon explicou rapidamente o plano a sua mãe, pedindo que ela contasse a Ísis apenas do jantar, mas não do propósito por trás dele.

Tudo parecia estar se encaminhando perfeitamente. Animado, Ramon desligou seu celular e voltou para os documentos do processo em sua mesa, enquanto fazia uma lista mental do que teria que organizar naquela noite. Ísis e sua mãe disseram que poderiam comprar os ingredientes no mercado para ele, o que adiantava e muito sua vida.

Por sorte, ele poderia sair cedo naquele dia. Como a previsão era de neve forte mais à noite, a empresa tinha avisado que os trabalhadores poderiam sair mais cedo, já que havia o risco de que metrô fossem parar naquele dia.

Distraído, ele mal notou quando adentraram sua sala no escritório de advocacia em que trabalhava. Ele tinha lutado com unhas e dentes por aquela posição e pela chance de ter uma sala só sua. Esperava um dia chegar a ser sócio da empresa.

— Olá Ferraz — ele ouviu uma voz dizer.

Levantando a cabeça dos documentos que lia, Ramon encarou os cabelos loiros à sua frente.

— Scott... Quando... Quando voltou?

A mulher abriu um sorriso.

— Faz pouco tempo. Finalmente terminei o trabalho que me pediram para fazer na Espanha e estou de volta... Isso não é ótimo?

Ísis não gostaria nada disso, de saber que sua ex-namorada estava de volta e trabalhando na sala ao lado da sua.

Shit...



Ramon retirou seu pesado casaco e o cachecol, passando a mão sobre seu cabelo para tirar um pouco da neve que havia caído sobre sua cabeça no caminho do metrô até o apartamento. Olhando ao redor, ele procurou pelas vozes de sua namorada e de sua mãe, ouvindo vozes animadas vindo da cozinha, e caminhou até lá.

Ísis e sua mãe terminavam de picar alguns legumes que ele usaria para o jantar daquela noite. Feliz, o advogado seguiu até a namorada e, abraçando-a por trás, depositou um beijo em seu pescoço.

—Oi— Ísis disse, abrindo um largo sorriso.— Não sou nenhuma grande cozinheira, mas eu e sua mãe fizemos o máximo possível para poder adiantar as coisas por aqui.

— Eu agradeço... a ambas —Ramon disse, com um sorriso gentil, piscando para a mãe. — Não precisam se preocupar que a partir daqui eu termino. Por que não aproveita e toma um banho quente? — Ramon ofereceu, de modo cuidadoso.

— Acho que vou aceitar sua sugestão... — ela respondeu. — Continuamos nossa conversa mais tarde, ok? — a morena disse, olhando para a madrastra, que acenou que sim com a cabeça.

Ísis rapidamente abriu um pequeno sorriso e roubou um rápido selinho do namorado, antes de caminhar para fora da cozinha.

Quando estavam a sós, Ramon encarou sua mãe, erguendo uma sobrancelha.

— O que está acontecendo? — Ele quis saber. — Eu sei que as duas estão de segredinhos.

— Nada demais, querido, Ísis apenas me pediu alguns conselhos sobre relacionamento... Não precisa ser tão paranóico, meu bem— Paula comentou simplesmente.

— Certo... — Ramon falou, ainda desconfiado de toda a situação. — Não vou pressioná-la por respostas. **Ainda** — enfatizou o advogado. — Mas não pense que me enganou, Dona Paula — ele comentou, com um pequeno sorriso.

— De qualquer forma, seja lá o que for, Ísis vai terminar me contando em algum momento.

— Vocês têm uma relação bem honesta, não? — sua mãe comentou, feliz, e ele sorriu, um pouco acanhado.

— Tentamos ser. Eu sei que ela não me conta tudo, nem eu a ela, mas é natural a gente não querer falar sobre algumas coisas, mas, se for algo que afeta nosso relacionamento, procuramos ser mais honestos um com o outro. Acho isso necessário, principalmente porque eu quero que esse relacionamento dure por muitos anos... — ele explicou, vendo sua mãe abrir um largo sorriso com suas palavras. —... O que foi?

— É que eu fico tão feliz em ver o quanto o meu menino *tá* crescido e responsável — disse Paula, animada, indo abraçar o filho.— Me enche de orgulho ver o homem que você se tornou— disse Paula, depositando dois beijos na bochecha do filho, que sorriu com o gesto de carinho.

— Não precisa chorar por isso, mamãe, você me criou bem... E sabe disso. Você, o vovô e a vovó fizeram um ótimo trabalho. Eu posso ter dado um pouco de trabalho, mas acredite, eu ouvi cada uma de suas palavras enquanto crescia, Dona Paula — Ramon comentou, enquanto apertava sua mãe em um abraço carinhoso.

— Eu só queria que Carlos pudesse ver o relacionamento de vocês como eu o vejo. Sabe, eu ainda posso dar uns tapas naquele teimoso por você— Paula ofereceu, rindo.

— Tudo bem, não precisa brigar com seu marido por mim, mãe.

Paula respondeu:

— Antes de ter um marido, eu tenho um filho.

Ramon abriu um sorriso gentil e depositou um beijo na bochecha de sua mãe.

—Eu sei, e agradeço. Mas não precisa tomar minhas dores, eu sou um homem crescido já, de barba e tudo.

— Hum... Grande coisa. Pra mim você vai ser sempre meu bebê — Paula disse, arrancando uma gargalhada gostosa de Ramon.

— Certo, mas pode deixar que eu vou resolver essa situação com Carlos... Sozinho. Agora, sai da minha cozinha, eu tenho um jantar pra preparar e você precisa se arrumar não...? Além disso, conto com você para a parte mais importante desse plano.

— Sim, eu sei... Trazer Carlos para esse jantar— Paula respondeu, e abriu um sorriso. — Não se preocupe, querido, Carlos pode ser teimoso, mas eu tenho alguns truques na manga.

Paula depositou um beijo na bochecha de Ramon, e saiu da cozinha,

gritando um rápido adeus da porta do apartamento, antes de sair dali. Ramon balançou a cabeça e continuou a preparar o jantar.

Tudo tinha que estar perfeito naquela noite.



Estava nevando lá fora, os jornais tinham sido bastante confiáveis em dizer que cairia uma boa quantidade de neve naquela noite.

Dentro de seu apartamento, Ramon sentia frio, mas não era devido ao clima lá de fora, pois o local estava aquecido pela calefação central que mantinha o interior do apartamento aquecido.

O frio vinha em ondas de seu padrasto e, atualmente, também seu sogro. Com olhares tão gelados e uma atitude tão distante, que Ramon se perguntava mentalmente se o homem na sua frente não tinha sido substituído por um bloco de gelo esculpido à perfeição com a aparência de Carlos.

O advogado costumava gostar do apartamento que possuía, ali no centro de Nova York. Tinha sido um verdadeiro achado encontrá-lo na época. Tinha recebido uma boa quantia em honorários advocatícios ao resolver uma grande ação de indenização por danos morais algum tempo antes e, graças a isso e a suas economias, tinha conseguido aquele belo apartamento de dois quartos, sendo um deles uma suíte, um espaço para seu escritório, que ele também usava como livraria, banheiro social, sala e cozinha.

Ele se sempre se sentia em casa quando voltava para aquele lugar, uma sensação que havia sido ampliada depois que Ísis tinha vindo morar com ele, mas, naquele momento, Ramon tinha ganas de ignorar o frio absurdo que fazia lá fora e simplesmente sair andando.

A sensação de desconforto desde que Carlos e sua mãe tinham chegado para o jantar estava deixando-o praticamente neurótico.

Ele queria fumar. Muito! Mas tinha feito um acordo com Ísis, em que ambos se comprometeram a parar de fumar. Tinha trocado o vício do cigarro por sexo, o que era uma boa troca, mas sexo estava fora de cogitação no momento, afinal, ele não achava que Carlos lidaria muito bem se ele arrastasse Ísis para longe da mesa de jantar e ambos se trancassem no quarto.

Ramon procurou ignorar o rumo de seus pensamentos e engoliu em seco, enquanto dava mais uma mordida no peixe que havia preparado para aquele jantar, tomando um gole, logo em seguida, do vinho à sua frente, para que a

comida descesse mais facilmente.

Ele sempre tinha se orgulhado de ser um cara calmo e sensato, mas isso tinha mudado quando se envolveu com Ísis. Seus planos, todos calculados com atenção e cuidado, tinham virado pó e suas respectivas certezas, caídas por terra.

Amar Ísis era viver no escuro, sem nunca saber qual nova emoção e acontecimento viria a seguir. Isso era igualmente emocionante e aterrorizante.

Ísis tinha apresentado novas primeiras vezes a ele, e aquela era uma delas.

Sua vontade de dar um grande soco em Carlos Mariano Andrade crescia a cada segundo que aquele jantar seguia. O homem parecia sentir um real prazer em frustrar suas tentativas de conversas; mesmo quando estavam os quatro conversando juntos à mesa, ele não respondia a Ramon, a menos que fosse extremamente necessário e, ainda sim, com respostas curtas e/ou monossílabas.

Estava óbvio que todos à mesa já tinham sentido a tensão presente, tão expressiva e forte que poderia ser cortada com uma faca da cozinha.

Aquilo era ridículo!

Maldito homem teimoso! Ele não poderia reconhecer que Ramon realmente se importava com a filha dele? Ele já não tinha provado a Carlos que seus sentimentos por Ísis eram verdadeiramente sinceros? O que mais ele precisaria fazer?

Estava na hora do plano B: *forçá-los a ficarem a sós.*

Mastigando seu peixe, perfeitamente preparado e temperado, mas que agora parecia amargo em sua boca, tamanha a tensão e pressão que ele sentia, Ramon fez um pequeno sinal à sua mãe, sentada à sua frente, enquanto Ísis estava sentada ao seu lado.

Naquele momento, aproveitando um instante de distração de todos, Paula derramou um pouco do vinho sobre o próprio vestido, sujando-se.

— Oh não... Que desastrada eu sou! — Paula disse de modo dramático, chamando a atenção de todos para si.

— Você está bem, querida? — Carlos perguntou, enquanto tentava ajudar a esposa a limpar a bagunça feita, usando o guardanapo de pano.

— Eu me distraí por um segundo, acabei por esbarrar em minha taça de vinho... — Paula comentou.

Aproveitando a deixa, Ramon olhou na direção de Ísis.

— Querida, poderia emprestar alguma de suas roupas para mamãe, ou talvez ajudá-la com a mancha...

Ísis abriu um pequeno sorriso.

— Claro. Mãe, me siga, por favor, vamos ver o que podemos fazer em relação a seu vestido — a bailarina ofereceu.

As duas mulheres então se afastaram pelo corredor.

Perfeito! Aquela era sua chance.

— Precisamos conversar.

— Não temos nada que falar um ao outro — Carlos o cortou. — Tudo o que eu queria lhe dizer, já lhe disse oito meses atrás.

Ramon cerrou o maxilar ao se lembrar das palavras de Carlos há quase um ano.

— Não posso acreditar que ainda segue pensando que eu realmente não me importo com sua filha. Eu amo Ísis, Carlos!

— Acha mesmo que deixarei um homem como você ter minha menina? Um maldito pedófilo!

— Vá à merda, Carlos! Eu NUNCA toquei em sua filha quando ela era menor de idade! — Ramon vociferou, furioso.

— Acha que eu nunca reparei na aproximação de vocês? Que sou tolo?

— Eu era amigo de sua filha, jamais a desrespeitaria assim — Ramon comentou, tentando trazer alguma sensatez ao homem, ainda que inutilmente.

— Mentiroso! Você está apenas brincando com minha família... Se aproveitou da fragilidade de minha filha para o ganhar o afeto dela enquanto ela ainda era uma menina.

Ramon passou a mão sobre seus cabelos, nervoso.

— Merda, Carlos! Ao menos você escuta as barbaridades que está dizendo?! — vociferou Ramon, furioso.

— Eu não sou obrigado a ficar aqui e ouvir suas mentiras. Só vim a pedido de Paula, que não é capaz de ver o filho que tem!

— Você que é um velho paranóico!

Fora justamente nesse momento que Paula e Ísis voltaram para a sala, quando Ramon e Carlos estavam, claramente, prestes a atacar um ao outro, o que era visível pela posição corporal de ambos.

— Mas o que diabos está acontecendo aqui?

Ramon se afastou de Carlos, passou a mão sobre seus cabelos, nervoso, e foi se posicionar próximo à parede de vidros da sala.

— Agora os dois ficaram em silêncio? — perguntou Ísis, furiosa ao notar que eles não se explicariam.— Chega!!! Eu já me cansei da atitude de ambos, vocês precisam parar com isso, e logo. Porque eu não quero que meu filho cresça num ambiente em que o próprio pai e seu avô estejam sempre em brigas — Ísis comentou.

Demorou alguns segundos, mas logo Ramon e Carlos processaram o que a garota havia dito.

— Seu filho? — eles disseram, juntos.

Ísis respirou fundo e encarou Ramon, um pouco nervosa após sua

revelação. Na hora da raiva, as palavras tinham lhe fugido da boca, mas agora ela temia a reação dele em face à notícia.

Ela então fez a única coisa que a manteria centrada no momento, continuar a dar bronca nos dois.

— Sim, eu *tô* grávida. E é bom vocês se acostumarem logo com a notícia, você principalmente, Ramon. Vamos criar esse filho juntos e é bom o senhor saber que não pode fugir da responsabilidade...

Ela jamais terminou a frase, porque, em segundos, Ramon a beijava em pura alegria. Rindo, feliz, ele a abraçou e a rodopiou, fazendo-a rir junto.

Aquela era a melhor notícia de todo o seu dia.



*Em meu leito de morte, vou rezar aos deuses e aos anjos, como um pagão,
para qualquer um que me leve ao paraíso ♪*

Audioslave - Like a Stone

Carlos estava alguns bons minutos parado em frente à janela do quarto, ainda em choque com a revelação que tinha escutado antes.

Sua menininha teria um bebê.

Ele não sabia ao certo como se sentir. Estava feliz porque seria avó, mas pensava que Ísis ainda era muito nova. Além disso, ele tinha suas severas desconfianças em relação ao relacionamento de sua garotinha com Ramon.

Desde que Ramon tinha lhe confessado naquele café da manhã que ele e Ísis estavam em um relacionamento, Carlos se sentia extremamente desconfortável com a situação.

Ramon tinha visto Ísis crescer, tinha andado com sua filha para cima e para baixo, ainda que ele fosse mais velho que ela. De início, ele realmente acreditou que eles eram bons amigos, mas desde que ele confessou o relacionamento, uma pulga de dúvida havia se instalado atrás de sua orelha.

Ramon teria se aproveitado dos sentimentos puros e infantis de sua filha? Teria ele a manipulado?

Havia muito o que pensar. Ele acreditava piamente nisso, mas após a revelação de que seu neto ou neta estava a caminho, algumas coisas começavam a não serem tão certas em sua cabeça.

Estaria ele se precipitando com tudo isso?



— No que tanto pensa, querido? — Paula perguntou, se aproximando por

trás dele e abraçando o marido.

— Em nosso neto — Carlos disse, com um pequeno sorriso.

— Ou neta. Pode ser que venha uma menininha por aí — Paula comentou.

Carlos se virou, olhou na direção de Paula e depositou um beijo em sua testa.

— Sim, querida, poderia ser uma linda menininha também...

Paula abriu um pequeno sorriso.

— Está feliz? — ela perguntou.

Carlos ficou em silêncio naquele momento, sem dizer nada, apenas apoiou sua cabeça no ombro da esposa.

— O que houve?

Carlos apenas murmurou algo, que para Paula foi praticamente impossível de compreender.

— Carlos, eu não consigo te entender se você falar em murmúrios assim...

— Ísis ainda é muito jovem, uma menina praticamente — Carlos falou em voz alta. — Acho que seja muito cedo para ela ter um filho, e isso me preocupa... Você foi mãe jovem, Paula, e foi muito difícil para você.

Paula abraçou fortemente o marido.

— Sim, foi muito difícil ser mãe tão jovem, mas eu consegui. E eu sei que Ísis é forte e também conseguirá. Além disso, eu fui mãe solteira, sem nenhum apoio emocional nem financeiro do pai de Ramon, mas nossa menina não está sozinha. Meu filho está aqui por ela e, eu sei, melhor, eu tenho certeza de que ele estará aqui por ela... Sempre.

Carlos apenas retorceu a boca com as palavras de Paula, levando um tapa da esposa em seu ombro.

— Hey... Para que essa violência, mulher?

— Acha que eu não reparei no modo como você retorceu os lábios? — a mulher comentou.

Carlos apenas respirou fundo e passou os dedos por entre os fios de seus cabelos cacheado.

— Eu ainda não confio em seu filho.

— Carlos, você pode ter toda essa sua desconfiança com meu filho agora, sabe-se lá o porquê, já que você é tão teimoso que nem mesmo quer me contar, mas eu eduquei meu filho para não abandonar uma namorada grávida. Ele jamais faria isso — Paula comentou, tentando trazer alguma sensatez ao homem.

Carlos passou a mão sobre seus cabelos, nervoso, respirou fundo e voltou a encarar a esposa.

— Certo, eu darei um voto de confiança a Ramon.

Ele estava sendo honesto, tentaria realmente dar um voto de confiança a

Ramon, mas, para ele, ainda não era fácil, seguia sendo estranho para Carlos ver alguém como um filho e logo em seguida descobrir que ele estava tendo um caso com sua filha. Ele ainda se sentia desconfortável ao ver as interações entre aqueles dois.

Carlos tinha grande dificuldades em aceitar aquela relação. Ele ficava agoniado ao pensar em ambos como irmãos, parecia-lhe muito errado, mesmo que ele soubesse que, na prática, Ramon e Ísis não eram irmãos, mas eles foram meio que criados juntos, e o próprio Ramon sempre se referiu a sua filha como sua irmãzinha.

E agora ele estava transando com ela! O quão errado isso poderia ser?

— Obrigada, isso é importante para mim — ela agradeceu.

— Temos que realmente dormir aqui nessa noite? — Carlos questionou, olhando desconsolado para a neve que caía lá fora.

— Você sabe que sim, seria perigoso sair agora. Além disso, não acho que haja nenhum táxi ou metrô lá fora... — Carlos levantou um dedo, mas Paula foi mais rápida. —E, antes que levante a possibilidade, se formos a pé, vamos congelar.

— Maldita neve! — reclamou o homem.

— Não seja um velho *reclamão*, Carlos, vamos ser avós, mas ainda não estamos tão velhos assim para sermos dois rabugentos — ela comentou.

Carlos apenas caminhou até a cama, deitando-se sobre ela.

— É estranho estar aqui, nesse quarto, e imaginar que eles estão do outro lado do corredor... fazendo... fazendo... Oh, céus, não quero nem pensar.

— Transando? Fazendo amor? Comemorando o fato de que serão pais? — Paula ofereceu, erguendo uma sobrancelha, ao que Carlos rapidamente arregalou os olhos.

— Pelos céus, mulher! Não me faça pensar nessa possibilidade.

— Eles são maiores de idade, meu bem, como você acha que esse bebê foi feito? Ou acredita que nosso neto será trazido pela cegonha?

— Prefiro pensar nessa possibilidade do que encarar o fato de que nossos filhos fizeram sexo.

Paula apenas riu e rastejou pela cama até a direção do marido, sentando-se em seu colo.

— O que você está fazendo?— ele perguntou, muito confuso, ainda mais quando Paula começou a retirar a blusa dele.

— O que acha que eu estou fazendo?— ela perguntou, maliciosa, abrindo um sorriso provocativo. — Vamos comemorar nosso futuro neto também.

— Aqui? Agora? Ísis e Ramon estão do outro lado do corredor, Paula...

Paula ignorou os medos de Carlos e continuou a beijar seu pescoço e

mordiscar sua orelha, que ela sabia serem seus pontos fracos.

— Não precisa se preocupar com eles nos ouvindo, tenho por mim que os dois estão muito ocupados para prestar atenção em nós.

— Eu não sei...

— Vai me negar fogo, senhor Carlos Mariano Andrade?— Paula perguntou, em um tom entre bravo e provocativo.

— Merda, mulher, você me enlouquece!

E, mandando tudo às favas, Carlos puxou Paula para perto de si, ouvindo seu riso enquanto ele os girava e ficava sobre ela, capturando seus lábios em um beijo profundo.

08. A NOITE DO ADVOGADO



Ísis olhou para seu namorado, ainda completamente bobo, deitado ao seu lado na cama, falando com sua barriga.

Ela ainda tinha a barriga completamente lisa, sem nenhum sinal de gravidez aparente no momento, mas isso não impedia a felicidade de Ramon.

— ... então, quando você sair daqui para fora, vamos fazer muitas coisas divertidas juntos. Jogar bola, nadar... Vou te matricular numa aula de boxe para saber se defender desses garotos mais velhos que fazem *bullying*.

— Mas se for uma menina, Ramon? — Ísis perguntou divertida.

O advogado parou para pensar por alguns segundos e depois voltou a falar com a barriga da namorada.

— Se você for uma menininha, papai vai te colocar em aulas de *tae-kwon-do* e caratê também...

— Oxe, para que tudo isso, homem? — ela perguntou, rindo, ao que o namorado reagiu, encarando-a seriamente.

— Para que ela saiba como se defender, é claro— foi a resposta rápida de Ramon. —Principalmente Se qualquer cara idiota tentar quebrar o coração da minha menininha, espero que ela quebre o braço dele em retribuição. E se tentarem tocar nela à força, tem minha permissão para quebrar as pernas deles também.

Ísis deixou escapar uma risada gostosa, inclinando-se para beijar Ramon.

— Obrigada... — ela disse, de repente.

— Pelo quê? — Ramon quis saber.

—Por estar aqui comigo, por não ter desistido, mesmo quando meu pai tem deixado bem claro sua desaprovação. Vocês eram tão próximos... Às vezes me sinto culpada por isso — Ísis admitiu, deixando escapar um suspiro.

— Hey, não fique assim *okay*? — ele pediu, sentando-se na cama e puxando-a para entre seus braços. — Você não tem motivos para me agradecer... Eu que te agradeço por não ter desistido de mim, mesmo quando eu fui um completo teimoso...

Nesse momento, Ísis revirou os olhos, como se lembrando de quão teimoso ele havia sido, o que fez com que Ramon risse.

— E você não tem culpa pela bagunça entre mim e seu pai. É algo que resolveremos entre nós dois.

— Você promete?

— O quê? — Ramon perguntou, um pouco confuso.

— Que não vai desistir de mim... Da gente — ela pediu, olhando para a

profundidade dos olhos dele, como se buscando algum traço de dúvida em seu rosto.

— Eu e você, lembra? Juntos...

— ... Para sempre — Ísis completou, enquanto deslizava as pernas no colo de Ramon, e se inclinava para beijá-lo de um modo sensual.

— Ísis... Ísis... Pequena... — Ramon continuou tentando chamar sua atenção, enquanto a garota depositava beijos e chupões em seu pescoço.

Vendo que ela não pararia, Ramon segurou os braços dela com delicadeza para não a machucar, e se afastou um pouco.

— O que você está fazendo?— ele perguntou, muito confuso, ainda mais quando Ísis ignorou sua pergunta e começou a retirar a blusa dele.

— O que acha que eu estou fazendo?— ela perguntou, maliciosa, abrindo um sorriso provocativo. — Comemorando, oras!

— Mas... Mas... Agora? Nossos pais estão no quarto ao lado, não sei se você se lembra disso.

Ísis apenas revirou os olhos.

— Ramon, a gente já transou antes sob o mesmo teto que eles. Qual a diferença dessa vez? — ela quis saber.

— É que antes eles não sabiam. É meio estranho pensar que seu pai esteja do outro lado do corredor e possa nos ouvir. Imagine a reação dele ao saber que eu estou deflorando a filha dele...

Ísis apenas revirou os olhos e rebolou contra o corpo do namorado, sentindo o duro embaixo de si. Era certo que o beijo anterior o tinha deixado animado, ela só precisava aliviá-lo de suas paranóias... E, pelos céus, ela estava pegando fogo ali, seria tão difícil assim ajudá-la a relaxar um pouco?

— Primeiro, podemos ser silenciosos... Segundo, nossos pais não são estranhos ao sexo, até porque eles são casados. Como você acha que eu e você nascemos? Da cegonha que não foi, querido... — ela comentou, com certo cinismo.

— Cruzes, não quero imaginar minha mãe fazendo sexo, ainda mais, sexo com seu pai.

— Larga mão de ser careta, Ramon! — Ísis reclamou.

— Eu não sou careta...

Ísis ignorou a réplica de Ramon e o puxou para um beijo, e logo em seguida passou a beijar seu pescoço e morder sua orelha, que ela sabia serem seus pontos fracos.

— Ísis, eu não sei se estou confortável com isso.

Respirando fundo, ela encarou o namorado.

— Você quer isso, não? Eu posso te sentir endurecido sob mim.

E, como se para confirmar o que tinha dito, ela rebolou sobre o colo dele, ouvindo-o deixar escapar um gemido.

— Não me provoca assim, minha menina— ele pediu com a voz já meio rouca.

— Ramon, eu tô grávida e com desejo— ela disse, de modo categórico.

— O que você quer comer? Está com desejo do que, minha menina?— Ramon perguntou, solícito.

— De sexo, Ramon! Sexo... Entendeu agora?

— Merda, mulher, assim você me enlouquece.

E, mandando tudo às favas, Ramon puxou Ísis para perto de si, ouvindo seu riso enquanto ele os girava e ficava sobre ela, capturando seus lábios em um beijo profundo.

— Tire essa calça e sua calcinha, abra bem as pernas para mim, eu vou te provar— ele ordenou.

Oh, sim, ela tinha despertado um monstro.... e ela não poderia estar mais do que feliz por isso.



Ísis sentiu seu rosto em chamas, seu coração acelerado contra seu peito, a excitação correndo forte por suas veias quando Ramon se ajoelhou a seus pés dela, suas mãos abrindo suas pernas delicadamente, levando uma das mãos até sua virilha dela, e acariciou sua intimidade com as pontas dos seus dedos.

Ela podia ouvir a respiração dele ficar mais dificultada, então ela levou a mão até o eixo dele, tocando seu pênis sobre a cueca.

Ramon olhou para ela de modo dominador.

— Abra bem essas pernas e, enquanto eu não ficar satisfeito, não volte a fechá-las. Fui claro? — o moreno perguntou, dando um tapa de leve na boceta dela, causando apenas um leve fricção necessária e dolorosa para fazer com que ela quisesse implorar por mais.

— Sim — Ísis sussurrou, espantada com o fato de que sua voz ainda parecia estar funcionando, apesar de rouca.

Ela sentia sua garganta seca, e seus lábios, ressecados, por isso, passou a língua sobre eles. Ramon acompanhou o motivo de sua língua; se inclinando, ele a beijou de modo sensual e dominante, ainda que com uma certa doçura.

Piscando para ela, ele se afastou do beijo e abriu as pernas de Ísis.

Ela não conseguia desviar os olhos de Ramon, nem mesmo que quisesse, e

claro que ela não queria.

Ramon cuidadosamente desceu sua cabeça por entre as pernas dela, aproveitando a sensação e o desejo em sua boca. Ele pressionou os lábios na parte superior, ainda sobre os pelos pubianos dela, e então, lentamente, fez seu caminho até a parte úmida de Ísis, seus lábios deslizando ao longo da vagina dela e seus dedos se movendo em seu interior, numa lenta e deliciosa tortura.

Sua língua seguia o ritmo enquanto ele deslizava a boca ao longo da intimidade da garota, aumentando a velocidade de seus dedos, um pouco de cada vez.

Ísis enterrou os dedos nos cabelos dele. Não para controlar alguma ação de Ramon ou para impedi-lo, apenas para dar-lhe algo para ela se segurar.

As mãos de Ramon começaram a deslizar para cima e para baixo em suas coxas, então se moviam ao redor dela para apertar com força seu traseiro.

— Oh, céus Ramon, oh, céus... Eu não vou aguentar mais tempo— ela gemia, enlouquecida, completamente entregue a ele.

Quando o primeiro orgasmo a atingiu, foi como um choque de uma onda violenta que lhe roubou o fôlego.

Ela pensou que Ramon pararia ali, mas ele simplesmente continuou a chupá-la, e dessa vez, ela estava ainda mais sensível pelo orgasmo anterior, e o novo não demorou a chegar.

Ela estava tão lânguida e satisfeita, que só pôde gemer baixinho, quase abafada, sentindo necessidade de fechar as pernas por não saber se aguentaria uma terceira vez, mas Ramon apenas a segurou e voltou a chupá-la e a masturbá-la.

— Eu não sei se consigo— ela chorou entre gemidos, seus soluços misturando-se às sensações que os movimentos da mão e dos dedos de Ramon lhe causavam.

— Você quer gozar de novo? — ele perguntou, inclinando seu corpo sobre o dela e sussurrando em seu ouvido.

— Sim, sim... eu quero... Oh, céus... — Ísis comentou, entre gemidos.

Os instintos de Ramon exigiam que ele garantisse que sua mulher estivesse devidamente satisfeita.

— Goze pra mim, querida, você é tão linda gozando... Eu só quero fazer você se sentir bem — ele comentou, sensual.

— Eu não sei se eu consigo mais... — Ísis protestou.

— Você vai, minha menina — Ramon assegurou a ela.

Ísis sorriu para o carinho dele e tinha mais certeza de que havia escolhido seu companheiro sabiamente.

Ele se inclinou e a beijou. Foi o que bastou para ela finalmente alcançar o

terceiro orgasmo seguido naquela noite, e deixou sua cabeça cair para trás, com sua boca aberta, sem forças nem mesmo para emitir qualquer som.

Pacientemente, Ramon pegou Ísis em seu colo e a levou até o banheiro, entrando com ela ainda agarrada ao seu corpo debaixo do chuveiro.

Ele a banhou com delicadeza e calma, acariciando os cabelos dela com cuidado, enquanto Ísis deixava sua cabeça pesar sobre o tórax dele, cansada demais até para manter os olhos abertos.

Ramon banhou-a, secou-a e vestiu-a novamente, e então guiou Ísis até a cama, deitando-a com suavidade.

— Eu preciso fazer você se sentir bem também — Ísis disse, com a voz rouca, quando Ramon se deitou ao seu lado.

Acomodando-se entre eles, Ramon deu um beijo carinhoso na doce boca de Ísis, e então a abraçou.

— Outro dia, minha menina. Hoje era tudo por você... Durma, você precisa descansar.

— Ramon...

— Hum? — ele perguntou, enquanto acariciava o ombro dela com a ponta de seus dedos.

— Eu te amo.

— Eu também te amo, minha menina — ele disse com um sorriso, inclinando-se para beijá-la levemente, e então apagou as luzes do quarto, e logo ambos ressoavam tranquilos.



— Bom dia — disse Ísis, feliz, enquanto surgia na cozinha, espreguiçando-se e bocejando, o que ela tentou disfarçar, colocando a mão na frente da boca. A preguiça, a cara de sono e a sensação de uma ótima noite de sono estavam bastante evidentes em seu rosto.

A morena estava com meias coloridas, um largo blusão, que Ramon na verdade sabia ser o dele, e uma calça rosa de seu pijama.

Algo sobre ela vestir as roupas dele tornavam-na tão sexy e linda, mesmo nesses momentos preguiçosos e com os cabelos despenteados.

— Onde estão papai e mamãe? — questionou Ísis, olhando ao redor, esfregando os olhos, devido ao sono.

Ela sentou-se na bancada da ilha da cozinha, de frente para Ramon, que terminava de secar algumas poucas louças e guardá-las.

Ramon aproximou-se dela, colocou um copo de café quente em suas mãos e deu-lhe um rápido selinho.

— Bom dia, como vai minha dorminhoca grávida favorita?

Ísis respirou fundo para não revirar os olhos, ainda que em seu âmago estivesse muito feliz com a aproximação melosa de Ramon. Ela só não queria dar o braço a torcer.

— Eu espero que eu seja sua única dorminhoca grávida favorita — ela disse, bem manhosa, enquanto aceitava a xícara que lhe era oferecida.

Ramon abriu um pequeno sorriso e bagunçou os cabelos dela ainda mais.

— Você sabe que sim, ou acha que eu escondo mulheres grávidas fofas no armário? — perguntou ele, em um tom provocativo.

Ísis simplesmente lhe deu um leve soco no ombro.

— Bobo! — reclamou a garota, ainda que houvesse diversão em sua voz. — Onde estão aqueles dois? Que horas são? — questionou Ísis, olhando ao redor. — O quanto eu dormi afinal?

Ramon colocou um prato de mingau na frente dela, que ele sabia ser o prato favorito de sua namorada para o café da manhã.

— Nossos pais já foram embora, logo cedo. A nevasca parou e as ruas já

foram limpas, então eles acharam melhor voltarem para o hotel.

Ísis não disse nada no primeiro momento, preferindo apreciar um boa colherada de seu mingau.

Estava tão bom!

— E, bem, são quase três da tarde.

— O quê?! Eu dormi tanto assim? — perguntou Ísis, ainda assustada. — Que filha horrível eu sou! Eu nem mesmo me despedi deles corretamente... Não deveria ter me deixado dormir tanto assim, Ramon!— reclamou a garota para seu namorado.

— Relaxa, eles entenderam. Com a gravidez, você vai ficar cada vez mais cansada e sonolenta... É natural— Ramon respondeu. — Além disso, é fim de semana. Tudo bem ficar mais tempo na cama.

— Como você sabe? Se tornou um especialista em bebês? Talvez aquela história sobre grávidas escondidas no seu armário não tenha sido uma piada e você aprendeu isso com elas— ela o provocou. — Ramon, o Barba Azul.

Ramon respirou fundo para não revirar os olhos. Ísis sempre gostava de provocá-lo. Não era como se ele não tivesse se acostumado com aquele jeitinho dela de ser.

— Hahaha, que engraçado. Só que não...— ele zombou de volta.

— Você sabe que eu sou hilária — Ísis respondeu, mostrando a língua. — Agora é sério, como sabe tanto sobre bebês?

— Sobre ser natural?

Ísis acenou que sim com a cabeça.

— Bem, minha mãe me disse que foi assim na gravidez dela. Seu pai disse o mesmo... E, bem, eu tô lendo também.

— Jura?

Ramon acenou que sim com a cabeça.

— Own! Isso é tão fofo da sua parte, Ramon — disse Ísis.

Ramon corou rapidamente e pigarrou, fingindo uma tosse.

— Eu só quero estar pronto quando o bebê chegar. Quero ser o melhor pai possível e estar aqui por você e pelo nosso bebê... Eu cresci sem um pai, Ísis, não quero isso pro nosso bebê.

Ísis saiu de seu banquinho, deu a volta na ilha, e abraçou o namorado.

— Eu odiaria não estar aqui por vocês. Me recuso a ser um homem como meu pai...— falou Ramon, sendo categórico, a dor presente na sua voz.

— Você nunca pensou? — Ísis perguntou, curiosa.

— No quê? — questionou, Ramon.

— Em ir atrás do seu pai... Perguntar a ele por que... quais foram os motivos...

Ramon respirou fundo e depositou um beijo na testa de Ísis.

— Quando eu era apenas um menino, sim. Eu inventava estórias para mim mesmo, imaginando que na verdade ele era um agente secreto do governo e tinha se afastado para nossa segurança... Enfim, coisas idiotas assim.

— Não é idiota! Você não é um idiota, é normal se sentir assim... E eu me preocupo com você, não gosto de te ver magoado e machucado.

Respirando fundo, Ramon abraçou a namorada fortemente.

— Não precisa se preocupar, *okay*? Eu tô bem... Eu só não tenho mais interesse nenhum naquele homem. Eu tenho 34 anos, Ísis.

— Não importa... Me dói imaginar aquele garotinho esperando por um pai que nunca surgiu — Ísis falou, quase chorando.

— *Hey*, está tudo bem, *okay*? — Ramon falou, enxugando uma das lágrimas do rosto da namorada. — Eu não sou mais um garotinho. Já sou um homem feito, não me importam mais os motivos dele. O que me importa é o aqui, o agora... você e esse bebê — disse Ramon, colocando a mão sobre o ventre dela.

— Sabe que se quiser ir atrás dele, eu vou te apoiar... Se não quiser também, não importa, eu ainda vou te apoiar.

Abrindo um pequeno sorriso, Ramon deu um rápido beijo em Ísis.

— Eu sei... Mas hey, é fim de semana, estamos próximos do Natal e eu só quero aproveitar o resto desse dia ao lado da minha namorada, curtindo juntos.

Ísis abriu um largo sorriso.

— *Netflix*? — ela sugeriu

— Perfeito! Vou fazer a pipoca e o brigadeiro. Vai escolhendo algo legal pra gente assistir.

Ísis bateu palmas, animada!

— Perfeito.

10. O CIÚMES DO ADVOGADO



Ísis entrou furiosa no apartamento, retirando seu casaco e jogando-o em qualquer lugar, colocando a bolsa colocada sobre o sofá, enquanto ela procurava ficar o mais longe possível de Ramon. Se ela tivesse que falar com ele agora, sairia uma grande briga.

— Querida? — Ramon chamou-a, sendo ignorado por Ísis, que seguiu para o quarto. — *Baby?* — ele tentou de novo. — Você realmente vai ficar sem falar comigo?

Ísis respirou fundo para não revirar os olhos com as reclamações do namorado.

— Me erra, Ramon. Não estou com humor nem ânimo para falar com você agora.

Ramon simplesmente não disse nada, aproximou-se da namorada e tentou abraçá-la e beijá-la, como um modo de tentar acalmá-la.

— Querida, por favor, não precisa ser assim... O que eu fiz afinal de tão ruim? — ele perguntou, mordiscando a orelha dela, mas Ísis simplesmente se afastou do toque e o encarou furiosa.

— Você não lembra? Porque eu me lembro bem de você ter agido como um cachorro mijando no poste faz poucos minutos quando fomos à minha faculdade.

— Como assim? O que você quis dizer com isso?

— Não. Você não entendeu, Ramon. Eu estou cansada desse seu ciúme sem sentido — disse Ísis, furiosa, deixando escapar um suspiro.

— Não é sem sentido! Eu posso ver o modo como aquele cara olha pra você. Não é como um amigo!

— Não me importa como David me olha, eu só quero você! **PORRA**, entenda isso de uma vez.

Respirando fundo, Ramon esfregou o espaço entre os olhos. Eles tinham ido à faculdade de Ísis naquela manhã, porque ela precisava entregar alguns documentos antes de finalmente entrarem na férias de inverno. Como ele tinha saído mais cedo do trabalho, decidiu dar uma carona à namorada.

E tudo teria corrido muito bem, se não fosse por David Parker. Ramon realmente não suportava o garoto. O moreno de olhos verdes estava sempre arranjando desculpas para tocar em Ísis, puxando-a pela cintura, convidando-a para sair, mesmo sabendo que ela e Ramon tinham um relacionamento.

Naquela tarde, David Parker estava na faculdade, e novamente, ele tinha vindo cheio de gracinhas e toques para cima de Ísis. De novo.

Ramon não era idiota, ele sabia muito bem quando um cara estava tentando

roubar sua namorada... E ele não gostou nada disso. Nem um pouco.

— E o que você espera que eu faça? Que eu fique de braços cruzados e deixe aquele idiota tocar em você como ele quiser? — perguntou Ramon, em um tom provocativo.

Ísis encarou-o como se uma segunda cabeça tivesse crescido nele, e, abrindo o baú onde guardavam os travesseiros e cobertores, que ficava próximo à cama, entregou-os ao namorado.

— Para que isso? — ele quis saber.

— Durma onde quiser, mas não vai dormir comigo essa noite — disse a morena, sendo bastante categórica.

Ramon respirou fundo e travou seu maxilar. Ele não gostava nenhum pouco de como toda aquela situação estava se saindo.

— Espere, você está me expulsando do meu próprio quarto? — ele questionou-a.

Ísis respirou fundo, pegou a coberta e os travesseiros dos braços dele e caminhou para longe.

— Espere, aonde você vai? — perguntou Ramon, ainda muito confuso com tudo que estava acontecendo.

— Você tem razão, eu não posso te expulsar do seu próprio quarto, afinal, tudo aqui é seu não? — Ísis perguntou entre dentes.— Então eu saio... Porque você pode ser dono dessa casa, mas não é o meu dono.

Deixando escapar rapidamente um palavrão, Ramon correu até Ísis e a abraçou, mas ela permaneceu fria e parada no lugar.

— Por que está agindo assim?

— Sério? Você ainda pergunta? — ela questionou, erguendo uma sobrancelha. — Você só deu a entender que eu queria que Daniel me tocasse... E agiu como se eu fosse um maldito poste e você o cão que urinou nele!

Ramon respirou fundo, novamente, e bagunçou os próprios cabelos.

— Porra! Eu estava com ciúmes, *okay*! — ele confessou.

Ísis colocou a coberta e os travesseiros na cômoda que ficava ali no corredor entre os quartos e cruzou os braços.

— Eu não lhe dei motivos para que tenha ciúmes, seu homem teimoso— disse ela, lembrando-o disso.

— Eu sei que não... É que...

— É o que, Ramon? — Ísis perguntou entre dentes.— Se você não me falar, eu não posso entender.

Deixando escapar rapidamente um palavrão, Ramon olhou para o teto, para os lados, praguejou novamente e finalmente disse o que o incomodava:

— Ele é mais jovem que eu.

Ramon então encarou Ísis, ainda envergonhado.

— Ele é mais jovem, suas idades são mais compatíveis... Vocês até mesmo estão ligados pela dança e pela arte... Eu sou um ninguém perto dele! E eu tenho medo de que um dia você perceba isso e me deixe para trás — ele confessou.

Ísis olhou para o namorado em silêncio por alguns segundos e então o deu um soco no estômago dele.

— Ouch... Isso doeu, baby. Para que toda essa violência? — perguntou Ramon, enquanto esfregava o estômago.

— Porque você está sendo um grandíssimo de um babaca! Eu escolhi você, Ramon. Você! — A cada palavra ela o cutucava com os dedos. —Entenda isso de uma vez por todas. Eu quero você, só você... Meu coração tem sido seu desde dos meus catorze anos, eu nunca tive a chance para amar outro. E nem desejo isso, porque é você quem eu quero — ela disse, em um tom firme.

Respirando fundo, Ísis se aproximou do namorado e beijou-o delicadamente no rosto.

— E é você quem eu continuo querendo.

Ísis então abriu um largo sorriso e beijou-o nos lábios.

— Então deixe de ser um velho idiota, porque não importa as diferenças entre nós, mas sim que eu te amo... Hoje e sempre, lembra?

Ramon abriu um pequeno sorriso.

— Sim... Desculpe-me por ser um idiota.

— Está desculpado.

— E, Ísis? — ele disse, em um tom sério.

— Sim? — ela perguntou, confusa.

— Eu vou te mostrar quem está velho aqui— ele disse em um tom mordaz e malicioso, e então, para a surpresa dela, ele a ergueu no seu colo como se ela fosse um saco de batatas.

Ainda rindo, os dois caminharam de volta para o quarto.



— Por que ela está aqui? — perguntou Ísis entre dentes.

— Ela trabalha aqui, Ísis — Ramon respondeu, simplesmente.

Ísis tinha decidido visitar Ramon em seu escritório naquela manhã, animada para contar ao namorado as primeiras informações de sua consulta com sua ginecologista, mas assim que viu aqueles cabelos loiros a distância e reconheceu sua dona, a morena não tinha apreciado nem um pouco a presença dela ali.

O escritório de Ramon ficava no décimo terceiro andar daquele prédio, e a agência por si só ocupava quatro andares do edifício no centro de Nova York — os andares doze, treze, catorze e quinze, respectivamente.

A sala dele era bem parecida com as demais naquele andar, com portas e janelas de vidro. A privacidade era conferida através de persianas e ela sabia que cada sala também era à prova de som, de modo que ninguém de uma sala pudesse ouvir o que se passava em outra.

Okay, talvez fosse um pouco ridículo todo aquele seu ciúme, afinal, ela mesmo tinha brigado com o namorado no dia anterior por causa da cena que ele tinha protagonizado com Daniel. Só que havia uma pequena diferença, ela NUNCA tinha tido nada com o rapaz, em compensação, Ramon e Estella tinham namorado por meses e ela se lembrava muito bem que, naquela época, quase um ano atrás, ele tinha surgido na festa da família com a mulher em seus braços.

ENTÃO, SIM! Ela tinha todo o direito de ficar puta, não pela mulher estar trabalhando lá, até porque ela sabia que Ramon e Estella tinham se conhecido por trabalharem justamente para o mesmo grande escritório, mas seu namorado **não** tinha lhe contado sobre o retorno da mulher para aquela filial.

Estella tinha olhado para Ísis com um pequeno sorriso no rosto, havia a cumprimentado e dito: *"Então vocês ainda estão juntos? Que bom! Fico feliz por ter decidido ir embora daquela vez, sabia que você e Ramon ficariam juntos."*

Insegurança. Era um sentimento horrível... Perturbador. A ideia de que, talvez, bem, só talvez, você não fosse boa o bastante. Ísis odiava aquela

sensação, mas era assim que ela se sentia sempre que Stella surgia no caminho, porque, lá no fundo, ela sabia que a mulher tinha sido a que chegou mais perto de ter o coração de Ramon para si.

Se ela tivesse uma nova chance, Estella ousaria? Ela o roubaria para longe de si?

— E quando você me contaria?— ela perguntou, bufando.

Ramon olhou para Ísis sem entender nada.

— Contaria o quê?

— Que foi decisão dela partir daquela vez.— ela disse,erguendo uma sobrancelha. — Eu achei que você a tinha afastado porque tinha me escolhido, mas ela fez a escolha por você *né*? — ela questionou, sentindo a garganta fechar. —Por nós...

— Ísis... — ele começou.

— Sem desculpas! — ela disse, brava.

Ramon respirou fundo, esfregou o ponto entre seus olhos e, caminhando até sua mesa, digitou um número.

— Scott?... Sou eu, Ramon...

Seguiram-se alguns segundos de silêncio enquanto a mulher respondia do outro lado da linha.

— É coisa rápida... Pode vir até aqui...

Novamente, ele ficou em silêncio.

— Agradeço.

Ramon então desligou o telefone e olhou para a namorada.

— Você não acreditará em nada que eu direi agora, então será melhor se ela própria lhe disser o que houve daquela vez — ele respondeu, sério, cruzando os braços e se encostando na mesa de seu escritório.

Ísis colocou sua bolsa ao seu lado, sentou-se na cadeira em frente à mesa de Ramon, e não disse nada. Estella chegou um tempo depois, e seu sorriso sumiu assim que ela sentiu toda a tensão existente no ambiente.

— O que está acontecendo aqui? Um enterro? — brincou a advogada.

Ísis abriu um sorriso de lado e olhou para Ramon.

— Por enquanto, não, mas talvez você seja convidada para um em breve... — falou a garota em um tom irônico, o que fez com que seu namorado tivesse que controlar a vontade de revirar os olhos.

— Scott, você pode contar para Ísis como foi nossa conversa naquele dia em que você foi embora da nossa casa de praia? Por favor...— Ramon pediu com delicadeza. — É muito importante pra mim.

Estella encarou o casal de namorados, respirou fundo e sentou-se na outra cadeira ao lado de Ísis e percebeu que a mulher estava prestes a chorar, ainda que

ela não quisesse demonstrar isso para o namorado.

— Certo, eu posso fazer isso. E eu juro que eu vou contar toda a verdade, mesmo as partes que o Ramon provavelmente ache que você não deva saber, pode confiar em mim para isso?

Ísis acenou que sim com a cabeça.

— Caia fora daqui agora, Ferraz — Estella disse, apontando a porta com um movimento de cabeça.

— Como assim? — Ramon questionou-a, surpreso.

— Essa é uma conversa de mulheres e de mulheres apenas, homens não são permitidos— disse Estella, sendo bem categórica.

— Ela tem razão, Ramon. Essa é uma conversa entre duas mulheres — Ísis reforçou o que a outra disse.

— Mas... Mas... — gaguejou Ramon, sem saber ao certo o que fazer ao ver as duas mulheres unindo-se contra ele.

— Você aceita ir comigo até a minha sala? — Estella ofereceu.

Ísis ficou em silêncio por alguns segundos. Ir com a mulher seria aceitar entrar no seu território, no próprio ambiente dela, mas ela tinha razão, elas precisavam conversar a sós, longe de Ramon, que provavelmente mais atrapalharia que ajudaria com aquela conversa.

E, bem, Ísis poderia não gostar de Estella, mas sabia que a mulher seria justa. Respirando fundo, a garota concordou com um aceno de cabeça.

— Sim. Eu aceito

— Então vamos...

E então, sem dizer mais nada, as duas levantaram-se das cadeiras e caminharam porta afora.



Ísis caminhou até a sala de Estella calmamente, ainda que por dentro sentisse como se estivesse vivendo no meio do olho do furacão. Ela não era insegura... Ao menos não costumava ser, mas sempre que se comparava a loira, de alguma forma se sentia, por falta de uma palavra melhor, inferior.

Talvez fossem os hormônios da gravidez que estivessem ampliando aquela estranha sensação, aquele aperto no peito, como se seu coração fosse sair pela boca a qualquer segundo.

Ainda sim, ela nada demonstrou, seguindo a loira como se tudo o que ela pudesse lhe dizer não a abalasse no fim, que ela tinha plena confiança e certeza de si mesma.

E tinha, não tinha?

Argh... Estava tudo tão confuso.

A verdade era que, quando o assunto era Ramon, ela nunca tinha certeza de nada que estava acontecendo entre eles. Uma parte dela — que ela procurava sempre ignorar e deixar lá no fundo da sua mente —, costumava dizer-lhe que uma hora Ramon partiria e a deixaria para trás. Não havia motivos para dar ouvidos àquela voz, eram apenas suas inseguranças alimentando um fantasma imaginário. Ela sabia disso, mas em momentos como esse, não tinha exatamente tanta certeza assim.

Largue a mão de ser uma boba, ela ordenou mentalmente a si mesma, e sorriu na direção de Estella, que a encarava.

As duas finalmente chegaram na sala da advogada e a loira fechou a porta, conferindo assim alguma privacidade às duas.

— Gostaria de beber algo? — ela ofereceu.

— Não, não... Eu só quero entender o que houve naquele dia em que você foi embora — ela disse, recusando a bebida educadamente.

Estella respirou fundo, esfregou o ponto entre seus olhos e, caminhando até a outra cadeira, sentou-se ao lado da garota.

— Fui eu quem escolhi ir embora.

Seguiram-se alguns segundos de silêncio enquanto Ísis assimilava melhor o

que a loira tinha dito.

— Então... Foi você quem escolheu pôr fim a tudo? Não ele? Ramon não teve um surto de coragem e decidiu ficar comigo?

Estella negou rapidamente com um movimento de cabeça.

— Não foi bem assim — ela apressou-se a dizer. — Admito que fui eu sim que tomei a decisão inicial, mas foi Ramon que bateu o martelo no fim.

Ísis encarou Estella sem saber ao certo o que dizer.

— Muito confuso ainda? — brincou a advogada.

Ísis abriu um sorriso de lado e acenou, indicando que sim.

— Sinceramente, acho que estão dançando rumba dentro do meu cérebro no momento... — falou a garota, em um tom brincalhão. — Pode me contar como foi a conversa naquele dia em que você foi embora da nossa casa de praia? Por favor... — ela pediu, com delicadeza. — É muito importante pra mim.

Estela respirou fundo e decidiu contar a Ísis exatamente o que tinha acontecido.

— *Okay*, eu posso fazer isso.



Meses antes...

— Então, o que está acontecendo entre vocês?— Estella questionou Ramon, colocando um fio de seu cabelo para trás da orelha.

— Eu não tenho certeza...

— Ramon... — Ela ia reclamar, mas ele a interrompeu suavemente, erguendo a mão.

— Eu realmente não tenho certeza do que está acontecendo. Ísis sempre esteve atrás de mim, desde seus quinze, dezesseis anos... E não, não me olhe assim, eu jamais olharia para ela dessa forma naquela época. Na verdade, foi por isso que eu fui embora, quando ela se tornou legalmente maior de idade, porque ela sempre foi mais madura que as demais meninas da idade dela...

— Sim, eu percebi que, apesar do jeito, Ísis nem sempre se comporta como se tivesse apenas vinte anos.

— Enfim, quando ela fez dezoito anos, para ela não havia mais desculpas para não ficarmos juntos— Ramon continuou explicando.

— E pra você? — Estella quis saber. — Ela ter se tornado maior de idade tornou mais fácil aceitar os avanços dela?

Ramon suspirou, frustrado, e mexeu em seus cabelos num gesto de nervosismo.

— Honestamente, sim, ficou mais fácil, e eu me senti um filho da puta por isso. Foi quando decidi ir embora. Achei que se ficasse longe, ela desistiria de mim e eu poderia respirar um pouco mais aliviado perto dela.

— Mas ela não desistiu, não? E ela ainda mexe com você, certo?— a mulher perguntou, enquanto estudava o rosto dele.

— Não, ela não desistiu— Ramon admitiu após alguns segundos.

— Você não respondeu minha segunda pergunta, mas acho que não preciso da resposta... — Nesse momento, Estela deixou escapar um suspiro. — Eu vi vocês dois ontem na praia.

— Merda!— esbravejou Ramon. — Desculpa, eu estou sendo um cretino te arrastando pra cá, e ainda sim ficando aos beijos com outra pessoa.

— Relaxa, Ramon — Estella disse, com cuidado. — Olha, eu sei que todos os comentários da sua mãe sobre nós dois podem ter dado a impressão errada quando eu não discordei deles, mas eu apenas não queria criar uma situação chata. Eu sei exatamente o que a gente tem, sexo. E por mim, tudo bem. Você é um cara lindo, inteligente, gentil, e eu amo a conexão que a gente tem na cama, mas não é como se eu fosse cega pro fato de ser apenas isso entre nós... Sexo.

— Obrigado.

Estella deixou escapar uma risada.

— Não tem de quê... Agora, será que poderia me levar até o aeroporto?

— Como assim?

— Eu preciso ir embora, Ramon. Você está me usando como escudo pra fugir da Ísis, e, sinceramente, estou cansada dos olhares mortais dela na minha direção... Vocês precisam se resolver de uma vez, seja lá o que for.

— Eu sinto muito por toda essa bagunça — disse o moreno, frustrado com toda aquela situação. — Não queria te arrastar para meus problemas. Honestamente, eu não sei o que fazer.

Estella então segurou as duas mãos de Ramon entre as suas e o encarou.

— Só responda sim ou não, tudo bem?

Ramon acenou que sim com a cabeça.

— Você quer resolver as coisas com a Ísis?... Sem titubear, Ramon.

— Ok... *Okay*.... Sim, eu quero.

— Viu, não foi tão difícil, não? — brincou a loira, que então ela o encarou com firmeza novamente. — Você quer que eu fique?

— Desculpe, mas não. Você tem razão, é melhor você partir.

— É, eu sei...

— Sinto muito.

— Tudo bem, Ferraz, eu não sou nenhuma garotinha. Esse não é meu primeiro fora na vida.



Atualmente...

— Agora você entende, Ísis? — perguntou a loira, depois de encerrar sua narração. — Ramon não mentiu. Sim, eu escolhi ir embora primeiro, mas a decisão final foi dele. Ele só precisava de alguém que o apontasse na direção do que ele realmente queria...

— Eu.... Eu... Eu não sei o que dizer.

— É, eu sei...

— Sinto muito por toda essa confusão.

— Sem problemas, vamos ser honestas, *okay*? Sim, o Ferraz foi alguém muito importante na minha vida e ele me marcou de várias formas diferentes, mas eu não sou a primeira escolha dele, Ísis, eu nunca fui. E eu jamais aceitaria ser a segunda escolha de ninguém...

— Obrigada.

— Por...? — quis saber Estela.

— Por ter sido honesta comigo.

— Não há de quê... Então, para quando é o bebê?

— Como... Como você sabia? — perguntou Ísis, espantada.

— Minha irmã é mãe de três crianças, você tem esse mesmo brilho no olhar que ela teve em todas as três gravidezes — explicou Estela. — Fico feliz por vocês dois... Já estava na hora de alguém tornar Ramon um homem honesto e de família — brincou a loira.



Ísis era curiosa.

Ela sempre tinha sido, desde que era apenas uma menininha. Seus pais sempre tiveram dificuldades em esconder seus presentes de aniversário e Natal, por isso, a ideia de existir um Papai Noel não foi algo que durou muito tempo para a criança, principalmente quando o Papai Noel daquele ano deu-lhe exatamente o mesmo presente que seus pais tinham escondido dentro do guarda-roupa.

E ela sabia.

Ramon estava escondendo algo!

Mas, diferente de seus pais, ele era cuidadoso. Muito! Até demais, em alguns momentos. Quando ela achava que finalmente tinha descoberto o mistério sobre o que seria seu presente de Natal naquele ano, ele trocava o presente de lugar e de novo e de novo... Como uma eterna caça ao tesouro.

Desde que Ramon tinha se juntado à família, ela nunca conseguia descobrir o que eram os presentes de Natal e aniversários.

Mas naquele ano, ela estava decidida: descobriria o que o namorado tinha comprado para ela e porque o esquema de segurança e esconderijo estava bem mais reforçado nesse ano. *O que poderia haver de tão especial para todo aquele mistério?!*

Okay, algumas pessoas poderiam dizer que a surpresa fazia parte da diversão de receber um presente. Ela discordava disso. Para Ísis, o mais divertido era tentar descobrir o que receberia. Talvez fosse por seu vício em séries policiais e detetives famosos, aquela "**veia**" investigativa corria por seu sangue.

Ela era ótima em descobrir as coisas.

Quase um FBI da vida!

O que suas amigas adoravam, porque, quando elas estavam desconfiadas de algo, sabiam que poderiam pedir ajuda à garota, que ela daria um jeito de descobrir o que estava rolando, para o horror de alguns garotos da sua escola.

O que ela poderia dizer? Ela não tinha culpa se eles eram tão idiotas que

achavam que ninguém descobriria que eles estavam traindo suas namoradas... ainda mais quando essas namoradas *eram amigas dela!*

Okay, ela estava divagando demais agora.

De qualquer forma, se Ísis era o FBI, Ramon era o *criminoso perfeito* quando o assunto era guardar segredos. Não que ele guardasse muitos e, se ele tinha aprendido a lição com a história de Estella, e ela achava que ele tinha, ela sabia que poderia confiar no namorado para dizer-lhe as coisas.

Mas não quando o assunto eram surpresas e presentes!

Ela queria saber, oras.

Só que Ramon andava distraído nos últimos tempos, principalmente desde que os pais de ambos vieram para a cidade. E ele não tinha trocado de esconderijo ainda — ela sabia que não. Tinha o visto observar muito atentamente sua gaveta de cuecas momentos antes, quando pegava algumas roupas para si, dizendo que ia tomar um banho.

Atentamente demais para um cara como seu namorado.

Tinha que estar lá. **Só podia!**

Ela esperou, pacientemente, ouvir o som do chuveiro sendo ligado. Assim que ouviu os primeiros barulhos do chuveiro, colocou o livro que estava lendo sobre a penteadeira ao seu lado na cama, e, pé antepé, com medo de fazer barulho, seguiu até o *closet* do quarto.

Tinha que ser rápida, sabia que o namorado não demorava mais do que alguns minutos para tomar o banho e era bem capaz de ele trocar o esconderijo se tivesse notado o interesse anterior dela em relação ao que ele fazia.

— Então, *Ramonzito*, vamos descobrir o que você me comprou de natal esse ano — ela comentou consigo mesma, enquanto puxava lentamente a gaveta de cuecas e começava a vasculhar entre as peças de roupas íntimas.

Então ela viu: era uma caixinha, dessas em que se guardam joias como anéis e brincos. Não era o que ela estava pensando, era?! Ela tinha que abrir e verificar o conteúdo, mas antes, precisava respirar fundo e acalmar-se, para não sair dando gritinhos empolgados por aí.

— Eu sabia que sua curiosidade levaria a melhor — Ramon sussurrou em seu ouvido, o que a assustou.

— Eu... Ah... Só... — gaguejou Ísis, virando-se na direção do namorado e percebendo que ele tinha a toalha enrolada ao redor da região baixa de seu corpo, deixando seu tórax à mostra, com seus cabelos ainda molhados do banho.

Tão sexy! Eu poderia dar uma mordida nele agora, pensou a garota consigo.

— Tsc... Sempre tão curiosa — Ramon disse, em um tom provocante, estalando a língua no começo da frase e prensando a namorada contra

o *closet*, enquanto abria um pequeno sorriso.— Mas isso, fica comigo — o moreno falou, tirando a caixinha da mão de Ísis. — Não seja tão curiosa, minha menina. Você descobrirá no tempo certo— sussurrou ele, mordiscando a orelha da garota.

— E quando seria isso? — Ísis perguntou, tentando manter o foco, mas ficava difícil quando Ramon a provocava assim. Ela podia sentir o corpo dele tão perto ao seu toque, a boca dele em seu pescoço, seus braços ao seu redor, o pênis dele roçando sua perna.

Oh, céus, era impossível concentrar-se assim!

Abrindo um sorriso de lado, Ramon levou as mãos até as pernas de Ísis e subiu com elas por sua coxa, e ela congratulou-se mentalmente por estar já vestida para dormir e usando uma camisa confortável naquele momento, porque isso só facilitava as coisas.

Usando seus dedos, Ramon puxou a calcinha dela para o lado e a penetrou com seus dedos, sentindo sua umidade. Ah, sim, esse era um dos "sintomas" da gravidez, estar sempre pronta e úmida.

Pelos céus, ele nem tinha feito nada ainda e ela estava quase gozando ali. Ela só o queria tanto... e logo, o mais breve possível.

Quando ele mexeu os dedos do modo que ele sabia que ela apreciava, Ísis deixou escapar um gemido alto e rouco, quase como um soluço.

— Tão molhadinha.... — Ramon disse, em um tom provocante. — Isso é tudo por mim, *minha menina*?

Ísis acenou que sim com a cabeça, não confiando em sua própria voz naquele momento.

— Responda em alta voz, Ísis, eu quero ouvir você dizer isso — ordenou Ramon, subindo a camisola e dando um tapa em sua bunda.

— Si... sim... Só por você, sempre você.

Ramon abriu um sorriso de lado, com uma expressão que poderia ser comparada à de um predador encarando sua presa.

— Diga-me, o que você quer que eu faça? Você quer que eu te foda?— Ramon sussurrou em seu ouvido, seus dedos ainda a provocando em uma deliciosa lentidão.

Ísis mordeu lábio inferior e acenou que sim com a cabeça.

— Então implora, vamos... Você sabe que quer — provocou o moreno, levando a mão da garota até seu pênis, já rígido sob a toalha.

Oh, céus, eu vou morrer aqui, pensou a garota consigo.

— Me foda, por favor — implorou Ísis entre gemidos.— Eu quero seu pau dentro de mim... por favor, por favor.

Ramon abriu um largo sorriso e, estalando a língua, retirou sua toalha,

fazendo com que Ísis envolvesse as pernas em sua cintura. Puxando a calcinha dela para o lado, ele a penetrou, ali mesmo, contra o *closet*, enquanto deixava escapar um palavrão.

— Porra, você está tão molhada!

— Só se mexa, por favor, eu preciso sentir você dentro de mim — pediu Ísis.

— Não seja por isso.

Então ele fez o que ela pediu.

Começou a mover-se, e ela sabia que não duraria muito. O corpo dele contra o dela, os músculos dos braços dele ao redor de sua cintura, a boca dele na sua... Tão quente, que ela se sentia derreter.

Quando ele ajustou o ângulo e encontrou aquele ponto perfeito, Ísis não pôde evitar gemer ainda mais alto. Mais, mais... Ela queria mais. Estava tão perto, só mais um pouco.

— Eu... eu estou tão perto.

Abrindo um sorriso de lado, Ramon levou a mão até a intimidade de Ísis e começou a estimulá-la usando os dedos.

— Goza pra mim, vai...— Ramon disse, em um tom provocante. — Goza no meu pau.

A voz de Ramon era todo o estímulo de que ela precisava, porque logo ela finalmente alcançava o topo, ao mesmo tempo em que sentia o namorado esvaziar-se dentro de si.

Ainda meio confusa com o último orgasmo, Ísis deixou-se ser guiada até o banheiro pelo namorado, onde os dois se limparam em um banho cheio de beijos e carícias. Antes de colocar a cabeça no travesseiro, ela lembrou-se de que precisava descobrir o que havia dentro daquela caixinha... Mas amanhã... ela faria isso amanhã. Tudo que ela queria naquele momento era dormir.



Eu não posso, eu não posso, eu não posso continuar sem você. Eu não posso continuar sem você, oh Senhor. Eu não posso continuar sem você, ooh ooh... Eu não posso continuar sem você, baby ♪

KALEO — I Can't Go On Without You

— Então, ainda pensando no seu presente de Natal? — perguntou Paula, enquanto ajudava Ísis a terminar a decoração do apartamento para o Natal, que estava a cada dia mais próximo.

Ísis inspirou fundo, frustrada, e colocou mais uma meia na lareira que eles tinham na sala do apartamento. Não era exatamente uma lareira de tijolos, comum visual mais *clean* e moderno, muito diferente daquelas que ela via em filmes natalinos, mas teria que servir.

Ela sempre tinha achado lindas aquelas decorações de Natal que via em filmes e, pela primeira vez, estava decorando **sua** casa, no **seu primeiro Natal como namorados** com Ramon, e havia **neve** lá fora. Uau! Isso era tudo tão *empolgante*!

— Eu não consigo esquecer aquela caixinha— a morena confessou, enquanto seguia em direção à caixa de decorações que havia comprado. — Eu fico pensando, será que é o que eu tô pensando? Será que não é?

—Você vai descobrir no dia, querida — disse Paula, notando a frustração da outra mulher.

— Sim, eu sei... Mas é a curiosidade que me mata. E essa ansiedade.

Paula apenas encarou Ísis, sem nada dizer.

— Você ficará triste se não for o que está pensando?— Paula questionou-a, curiosa para descobrir a reação da garota.

Ísis ficou parada, em silêncio, durante alguns segundos, nas mãos o pequeno anjo de cristal, que havia tirado da caixa e estava prestes a colocar na decoração, até finalmente deixar escapar um suspiro frustrado.

— Sinceramente? — Ísis perguntou, mordendo seu lábio inferior.

—Sempre. Sabe que não precisa ter medo de dizer o que pensa para mim...

Sim, eu sou a mãe de Ramon, mas eu também a vejo como uma filha. Sabe disso — Paula disse, em um tom conciliador, enquanto tirava o anjo de cristal das mãos de Ísis, colocando-o novamente na caixa, e juntando suas mãos à da garota, num ato de apoio.

Ísis acenou que sim com a cabeça.

— Sim, eu sei e eu a agradeço por isso — respondeu ela, abrindo um pequeno sorriso.— Sim, eu ficaria frustrada, eu preciso admitir. Querendo ou não, acho que acabei criando expectativas quando vi aquela caixinha... Mas... Caso não aconteça, eu não ficarei brava. Sim, eu adoraria se ele me pedisse em casamento, mas se não acontecer agora, é porque ele ainda acha que é muito cedo.

— Você sabe que um dia ele a pedirá em casamento, não sabe?— perguntou-lhe Paula.

Ísis acenou que sim com a cabeça.

— Sim, eu sei que vai acontecer, sei que um dia ele vai me pedir em casamento, eu posso sentir isso no modo como Ramon fala comigo, nas suas atitudes. Ele é o amor da minha vida, Paula, e eu sei que eu sou o amor da vida dele.

Foi então que Ísis reparou que sua sogra estava emocionada.

— Eu acho tão lindo esse amor entre vocês... Só queria que seu pai fosse um pouco menos teimoso e percebesse isso — disse Paula, um pouco frustrada.

— Ele fará isso. Papai só precisa entender que eu sou capaz de tomar minhas próprias decisões. Eu cresci, e ele terá que aceitar isso um dia.

Paula apenas encarou Ísis, sem dizer nada por algum tempo.

— É o que eu espero, é o que todos esperamos — Paula disse, por fim. — Agora, vamos continuar com essa decoração — falou a mulher, percebendo que o clima tinha ficado um pouco tenso.



Algo estava muito estranho naquela. Ísis podia sentir isso quando foi para a cama naquela noite. Ela sentia uma estranha dor em seu baixo ventre e em suas costas, mas acreditou que apenas tinha sido por causa de todo o cansaço daquele dia, com a decoração da casa para o Natal, e a dor não era tão forte assim.

Mas então aconteceu.

Estava no meio da noite, ela e Ramon dormiam juntos e tranquilos, depois de um dia comum, quando uma forte dor a despertou. Uma cólica tão intensa que

ela sentiu suas entranhas se contorcerem em nós.

A dor era tanta que ela acordou se contorcendo e chorando sem parar, terminando por também despertar Ramon, que abriu os olhos, ainda um pouco confuso com o que estava acontecendo, até ver Ísis se contorcendo de dor na cama.

— O que houve?— Ramon perguntou, extremamente assustado.

Ísis apenas chorava e grunhia.

— Dor... Muita dor — ela respondeu, por fim, olhando para seu namorado com os olhos marejados pelas lágrimas. — Ramon, por favor, faça essa dor parar... Por favor... —ela implorou, assustada demais com tudo que estava acontecendo. — Tem algo de errado com meu bebê, eu sei.

— Eu vou colocar uma roupa, e vamos ao pronto-socorro, agora mesmo. Fique aqui, vou buscar algo para você vestir. Pode esperar um pouco? — ele perguntou, tentando manter a calma, ainda que por dentro estivesse surtando.

Ramon sabia que, se ficasse ainda mais inquieto naquele momento, as coisas só piorariam. Ele queria chorar com a dor de Ísis, mas precisava ser calmo e racional para conseguir levá-la ao hospital.

Ísis acenou que sim com a cabeça.

— Eu já volto, *okay*?

— Tudo bem — Ísis respondeu, tentando controlar seu gemido de dor enquanto mordida seu lábio inferior.

Ramon se levantou rapidamente da cama e seguiu até o *closet*, acendendo as luzes e separando as primeiras roupas que viu para si, com o coração quase saindo pela boca e com as mãos tremulas, enquanto vestia uma calça e colocava um suéter. Em alguma parte de sua mente, seu cérebro o lembrou de que precisava pegar roupas bem quentes para Ísis, pois estava extremamente frio lá fora.

— Foco, ela precisa de você agora, não surta! — Ramon disse a si mesmo, bagunçando os cabelos e tentando ficar firme para Ísis.

Foi quando ele ouviu.

Ísis gritou.

E, em poucos segundos, ele saía do *closet* do quarto e corria em direção à cama, ainda calçando de qualquer jeito os sapatos.

A garota encarava suas mãos, em pânico, e ele não conseguia entender o que havia acontecido, enquanto a via chorar desesperada, completamente pálida. Rapidamente ele acendeu as luzes do quarto, e foi então que entendeu.

As mãos de Ísis estavam sujas de vermelho e todo o quarto cheirava a ferrugem.

Era sangue!

Havia uma mancha de sangue sob a cama.

— Não... Não... Não! — dizia Ísis entre soluços, seu corpo se agitando com a força deles.

15. A PROMESSA DO ADVOGADO



Ramon fechou os olhos e encostou a cabeça na parede fria do hospital, suas mãos ainda trêmulas com os últimos acontecimentos. Ele queria chorar, só não sabia se era de pânico, medo ou alegria.

Foi tão perto.

Por tão pouco.

Ele ainda se lembrava do medo e da angústia que sentiu quando viu a mancha de sangue de Ísis nos lençóis brancos da cama. Ramon nunca tinha sentido tamanha angústia e tanto desespero como naquele momento. Tudo que ele queria era desmoronar, mas não podia, porque sabia que a namorada precisava dele naquele instante.

Ele não tinha pensado muito, simplesmente correu até Ísis, vestiu-a com um casaco para mantê-la aquecida, e tinha carregado a namorada em seu colo até a garagem do prédio onde moravam. Ele ainda não tinha certeza como havia conseguido chegar até o hospital, mas, por sorte, ele não cometeu nenhum erro no caminho até lá, embora provavelmente fosse ter algumas multas em seu nome naquela noite, e isso não era problema para ele.

Ísis era mais importante que algumas multas por limites de velocidade ultrapassados.

As informações que o médico ginecologista e obstetra especializado em histerectomia vaginal lhe havia passado durante a conversa anterior ainda rondavam sua mente.

Ísis tinha sofrido o que os médicos chamavam de descolamento ovular, o que ele também tinha lhe explicado, era algo bem comum no primeiro trimestre de gravidez, principalmente nas primeiras doze semanas de gravidez.

O descolamento ovular era o acúmulo de sangue entre a placenta e o útero, e poderia ser perigoso se tivesse sido muito grande, devido ao risco de descolamento de placenta. A placenta, ele tinha lhe explicado, era responsável por prover nutrientes e oxigênio ao bebê durante os nove meses de gestação, e, por isso, havia o risco de um aborto espontâneo.

Ele ainda podia ouvir as palavras do médico em sua cabeça.



Momentos antes...

— Está tudo bem agora, não? — Ramon quis saber, preocupado.

O médico, muito educado, e entendendo a preocupação do futuro pai, começou a explicar ao homem o que havia acontecido.

— Sim, tivemos muita sorte. Quando a placenta se desgruda da parede do útero, dizemos que houve um descolamento, que pode se dar de duas maneiras. No início da gestação, é comum o descolamento ovular, que ocorre quando o sangue se concentra entre o útero e o saco gestacional, formando um hematoma. Podemos verificar o diagnóstico por meio de um exame de ultrassom. Geralmente, este é um problema que pode ser detectado logo no primeiro trimestre.

— Eu a vi sangrar, isso é normal?— perguntou o moreno ao médico, que ainda, muito nervoso, continuava a batucar em sua própria coxa com as pontas de seus dedos.

— O sangramento é, sim, o sintoma mais comum do problema, mas não é em todas as situações que ele aparece. O descolamento ovular provoca uma dor leve e, normalmente, ele é detectado no ultrassom. O desconforto que as gestantes podem sentir se assemelha ao de uma cólica, que ainda pode estar associada a um incômodo nas costas e na barriga. Mas vale ressaltar que tudo depende da extensão e da gravidade do descolamento.

— Tudo vai ficar bem agora, não?

— Sim, só precisamos acompanhar de perto essa gravidez. O deslocamento pode estar relacionado ao uso de cigarro e de drogas, como a cocaína e a maconha, à idade da mãe, à pressão alta durante a gravidez e a alguns traumas, como os acidentes de carro. No caso de Ísis, ela ainda não está na faixa etária de risco, tão pouco faz uso de cigarros ou drogas, então, é presumível que se tratou de um caso de pressão alta. Precisamos permanecer atentos a sua pressão arterial durante toda a gravidez.

— Pode deixar, eu ficarei de olho para que ela não se esforce nem sofra alguma perturbação.

— Muito bom saber, senhor Ferraz— disse o médico, com um pequeno sorriso. — Minha recomendação é de que a grávida faça repouso e tome as medicações necessárias. Na maioria das vezes, tudo volta ao normal depois de um tempo, e a chance de abortamento é pequena.

— Então ainda há riscos?

— Após **15 dias** de repouso absoluto, a gestante deve repetir o exame de ultrassom para saber se o descolamento do saco gestacional está curado, afastando, enfim, uma possível ameaça à gravidez.



Respirando fundo, sabendo que precisava se acalmar para falar com Ísis, Ramon contou mentalmente até trinta, fazendo um exercício de respiração que sua mãe tinha lhe ensinado momentos antes, quando foi até o hospital para saber notícias de Ísis e do bebê.

No momento, sua mãe e seu padrasto, pai de sua namorada, estavam dentro do quarto, para conversarem um pouco com Ísis, pelo que ele tinha agradecido, pois precisava ter uma breve conversa com o médico de sua namorada.

Um pouco mais calmo, caminhou até o quarto onde estava Ísis, esbarrando com Carlos e sua mãe na porta.

— O que o médico lhe disse?— quis saber Paula, parando Ramon ao segurar em seu braço de leve.

— Como o sangramento parou e a condição do bebê está estável, Ísis pode descansar em casa. Ele também receitou um medicação para ajudar os pulmões do bebê a amadurecerem, caso o parto prematuro se torne necessário no futuro.

— Fico mais aliviada por saber que ela poderá sair daqui.

— Eu também, mãe! Eu também...

— Tudo vai ficar bem, você vai ver. Foi só um susto— disse Carlos.

Ramon abriu um pequeno sorriso, agradecendo mentalmente por todo o apoio que sua mãe estava lhe dando naquele momento, e por Carlos estar sendo bem gentil em toda aquela situação.

— Sim, tudo vai ficar bem agora. Vocês precisam de algo?

— Não se preocupe conosco, carinho — sua mãe lhe disse. —Vamos ao seu apartamento buscar algumas roupas para você e para Ísis.

— Eu agradeço. Está com as chaves?

Paula revirou sua bolsa por alguns segundos e retirou de lá um molho de chaves.

— Sim, sim. Você me entregou as chaves mais cedo.

— Tudo bem...

— Agora vai ficar com ela, querido. Ísis precisa de você.

Ramon depositou um pequeno beijo na testa de sua mãe e caminhou até o leito do hospital em que Ísis estava. Sua namorada estava sentada na cama, sua costas apoiada em travesseiros, para seu conforto, enquanto o medicamento e o soro intravenosos estavam à sua direita, sendo aplicados diretamente na sua veia.

—Como foi? —ela quis saber.

— Você poderá ir para casa, mas terá que ficar atenta aos seus medicamentos e em repouso.

— Tudo bem, eu posso fazer isso. Se é por nosso bebê, eu sou capaz de tudo — ela disse, com a voz meio chorosa.

Percebendo que a namorada ia começar a chorar, Ramon sentou-se ao seu

lado na cama e enxugou suas primeiras lágrimas com a ponta dos dedos.

— Hey, está tudo bem.

— Eu fiquei com tanto medo...

— Sim, eu também.

— Por favor, só me abraça. Me abraça bem forte e diz que essa dor vai passar...

— Está tudo bem, Ísis, está tudo bem, minha menina — Ramon disse, abraçando-a com delicadeza.

— Sabe, depois de passado o susto, eu fiquei feliz com essa gravidez. É tão difícil pensar que eu estive tão perto de perder esse bebê assim... E me sinto horrível, porque de início eu não queria ser mãe, e eu fico pensando: será que Deus não tá me punindo?

— *Xiu...* Calma. Deus não tá te punindo. Como o médico disse, é uma situação comum na primeira gravidez.

— Tudo vai ficar bem agora, não vai?

— Sim, vai sim — foi a resposta rápida de Ramon, procurando tranquilizar a namorada. — Só precisamos ter um maior cuidado, mas tudo ficará bem no fim... E saiba que eu vou ser um cara muito feliz por poder ter um filho com você.



Ísis tinha sido liberada no fim daquela noite, com recomendações massivas de repouso, cuidados com alimentação e ordens de tomar seus remédios. Depois de toda a madrugada no hospital, foi bom para Ramon voltar para casa com Ísis e o bebê seguros, quase como se um enorme peso tivesse sido tirado de seus ombros.

Sua mãe tinha lhe confidenciado que havia trocado as roupas de cama, de modo que sua namorada não ficasse abalada ao ver a mancha de sangue sobre o lençol branco, e então, com um beijo em sua bochecha, seguiu para o quarto para fazer companhia para Ísis.

Ramon não poderia se sentir mais grato. Com tanta coisa acontecendo, ele não tinha se lembrado do maldito lençol, mas ficou aliviado ao saber que sua mãe tinha percebido tal detalhe.

Verdade fosse dita: sua cabeça ainda estava uma bagunça.

Caminhou até a cozinha, pensando em preparar um pouco de café para si e se surpreendeu ao ver Carlos já no local, bebendo um pouco do mesmo líquido marrom.

— Café? — Carlos perguntou.

— Ah... sim, sim. Eu preciso de um pouco agora — Ramon respondeu.

Carlos apenas serviu um pouco do líquido marrom numa xícara ao seu lado e caminhou até ele.

— Como ela está? — Carlos perguntou, entregando uma xícara de café para Ramon, que estava visivelmente triste e abalado com todos os acontecimentos recentes.

— Assustada... Nós dois estamos — ele confidenciou, seguido de um suspiro frustrado. — Infelizmente, não há nada que eu possa fazer por ela agora.

— Sim, pode sim — Carlos disse, interrompendo o discurso triste do advogado. — Esteja aqui por ela, ao lado dela... Acredite, apenas sua presença fará muito bem a minha filha.

Ramon encarou seu padraсто com um olhar surpreso e confuso. Pensou que

concordaria que ele era um inútil e, então, ele poderia se afundar ainda mais em sua dor.

Mas ali estava. Carlos Mariano Andrade estava animando-o, e, ainda que ao seu próprio modo, meio ríspido e sem jeito com as palavras, tentando confortá-lo.

— O... obrigado — Ramon gaguejou, para então pigarrear e retomar o controle sobre suas emoções... Ao menos o tanto que ele conseguia naquele momento.

— A mãe de Ísis perdeu duas crianças antes que nossa pequena viesse. Abortos espontâneos... — Carlos disse de repente, para a surpresa do advogado.

— Eu sinto muito — Ramon disse apenas, sem saber ao certo o que falar naquele momento.

Ele entendia o homem, ainda se lembrava da sensação de pavor e de pânico que tinha sentido naquelas horas, sem saber o que aconteceria com Ísis e o bebê. A vontade de vomitar ainda era uma lembrança vívida para o advogado.

— Os médicos disseram que era algo comum, que foram duas gestações malformadas, mas que não deveríamos nos preocupar, e que ainda havia novas chances para nós dois — confidenciou Carlos, encarando sua própria xícara de café. — Mesmo assim, foram eventos traumáticos para ambos, e quando descobrimos que seríamos pais novamente...

— Ísis? — Ramon perguntou.

Carlos acenou que sim com a cabeça.

— Nós dois ficamos assustados, imaginando se ocorreria o mesmo como nas últimas gravidezes — ele confidenciou, com um suspiro frustrado. — Sinceramente, naquele momento eu nem mais sabia se eu queria um filho.

— Como assim? — Ramon disse, interrompendo a fala de Carlos. — Eu nunca teria imaginado...

Carlos, nesse momento, fez um pequena pausa e tomou um gole de seu próprio café.

— Ultimamente, nem eu. Ambos ficamos receosos, mas os médicos tinham razão, não havia nada de errado com nenhum de nós dois... Só não era o momento certo. Entende por que ela é tão especial para mim?

— Sim, eu entendo — falou sério Ramon. — Porque ela também é muito especial para mim — ele confidenciou.

— Eu sei... Agora eu sei.

— Como assim?

Carlos respirou fundo, colocando sua xícara de café de lado, e encarou Ramon.

— Eu o conheço há muitos anos, Ramon. Conheço suas qualidades e seus

defeitos, e nunca fui cego para o festival de mulheres que passaram por sua vida durante todos esses anos. Entende o motivo de minhas preocupações?

Então esse era o maior medo de Carlos? Que Ísis fosse apenas mais um dos casos de Ramon?

— Sim, eu nunca fui exatamente um santo, preciso concordar com isso — Ramon confessou, esfregando seus próprios olhos. — Mas Ísis... Ela é diferente — ele confidenciou. — Eu sei do meu passado, sei que não é o melhor modelo para ninguém, mas eu realmente me importo com sua filha e quero fazer as coisas certas e diferentes dessa vez.

— Eu sei — Carlos disse. — E é por isso que tem a minha benção e a minha permissão.

Ramon encarou seu padrasto como se uma segunda cabeça tivesse nascido nele naquele exato momento.

— Como? — Ramon perguntou, visivelmente confuso.

— Eu achei que ela seria só mais um casinho para você. Ísis é jovem, apaixonada, e ela nunca escondeu de ninguém, mesmo que tentasse, o quanto ela gostava de você — Carlos confidenciou, com um suspiro frustrado. — Eu tive medo de que você se cansasse dela, e então quebrasse o coração da minha filha no caminho.

— Carlos, eu...

— Eu sei agora que não. Sei que realmente ama minha filha e eu não tenho mais motivos para ser contra vocês dois, por isso, você tem minha benção e minha permissão... Peça-a em casamento e faça minha filha feliz.

Ramon abriu um largo sorriso.

— Farei isso. Eu prometo.



Ramon entrou no apartamento e afrouxou a gravata, enquanto tirava o casaco e o pendurava no espaço destinado aos casacos no hall de entrada. Finalmente ele teria umas duas semanas de folga para aproveitar o Natal e o Ano Novo com sua família.

Sim, sua família.

Ter feito as pazes com Carlos tinha sido como tirar um enorme peso de seus ombros, e a recuperação de Ísis também melhorava muito seu humor.

— Ísis? — ele a chamou, sem receber uma resposta. — Mãe? — ele tentou novamente, mas, de novo, só o silêncio o respondeu.

Sua mãe tinha se oferecido para passar as tardes com sua namorada, para que ela não ficasse muito sozinha e também para impedir Ísis de se exceder. Apesar da melhora nos últimos quatro dias, ainda era muito recente tudo que aconteceu e era importante que ela ficasse em repouso absoluto.

Teria acontecido algum problema? Tinham levado Ísis à emergência?

Preocupado, ele correu rapidamente para o quarto e viu as duas mulheres saindo do banho, com Isis enrolada num roupão de banho.

Aliviado, ele rapidamente abraçou a namorada, encostando a cabeça de leve no ombro dela, e sentiu o cheiro de seu shampoo. Sua mãe, reparando que ambos queriam ficar a sós, rápida e discretamente, afastou-se do quarto, fechando a porta no caminho.

— Que susto, *Ramonzito!* — disse Ísis, colocando a mão sobre o peito.

Rapidamente, Ramon abriu um largo sorriso e caminhou até a morena.

— Desculpe, eu fiquei assustado quando chamei vocês e não me responderam — ele se explicou. — Pensei que poderiam ter ido ao médico, achei que tivesse acontecido algum problema.

Ísis apenas abriu um pequeno sorriso.

— Está tudo bem, Ramon. Sua mãe estava me ajudando a secar os cabelos com o secador, por isso não o ouvimos.

— Está tudo bem com você? E com o bebê?

Ísis acenou que sim com a cabeça.

— Está tudo bem, *okay*. Comigo e com o bebê — ela disse, com um sorriso.

Ramon abriu um largo sorriso, inclinando-se na direção de Ísis e beijando-a.

— Obrigado — Ramon disse, olhando fixamente nos olhos dela.

— Pelo quê?

— Por ter me dado a chance de ser pai... Eu vou te agradecer todos os dias pelo presente que está me dando.

— Você não é o único que tem que agradecer, eu também preciso, *Ramonzito*— ela respondeu, o que fez com que ele risse ainda mais e depositasse um beijo em sua testa.

— Por...?

— Por estar fazendo de mim a mulher mais feliz do mundo— Ísis disse, com um pequeno sorriso, suas mãos indo até sua barriga e acariciando seu ventre.— Eu nunca me imaginei sendo mãe, tenho que admitir, não era algo que estava nos meus planos no momento, e eu nem sabia se teria juízo o suficiente para isso, mas quando me imagino sendo mãe do seu filho, quando penso nessa criança...— nesse momento, ela olhou para o namorado com um largo sorriso no rosto. — ... meu coração fica quente, acelera e, quando eu percebo, já estou sorrindo. Eu sei que eu amo esse bebê, com todo o meu coração, e vou me esforçar para ser a mãe que ele, ou ela, merece.

— Você será uma mãe incrível, Ísis. E não se preocupe, a gente vai aprender... Juntos. — completou Ramon.— Eu amo você, minha doce bailarina.

— Ama, é?— ela questionou, abrindo um largo sorriso.

— Sim, amo — falou Ramon de modo sério, roubando um beijo de Ísis no processo.

Ísis não pôde evitar e riu.

— Bom saber, porque eu te amo... Amo muito.

— Quando eu quase te perdi, eu percebi algo... Eu enlouqueceria sem você... Eu preciso de você— Ramon disse, enquanto envolvia Ísis num abraço, passando a beijar seu pescoço, porque sabia que ali era o ponto sensível dela.

— Não me provoca... É crueldade, sabe que não posso.

— Sim, tem razão. Eu estou tão acostumado a te beijar toda, que eu esqueço às vezes... — ele se desculpou. — Quer ajuda para se vestir?

Ísis acenou que sim com a cabeça.



Momentos mais tarde, quando estavam deitados os dois juntos na cama, assistindo a um filme clássico que passava na televisão, Ísis decidiu que finalmente estava na hora de perguntar algo que a estava deixando encucada havia algum tempo.

— Você e meu pai fizeram as pazes, não é?

Ramon abaixou o volume da televisão e encarou a namorada.

— Sim, fizemos. Por quê? — ele perguntou, curioso com o rumo da conversa.

— Eu fico feliz por vocês...

— Por que eu sinto que tem um "mas" no resto dessa frase sua? — Ramon perguntou, com um sorriso de lado.

— Eu fico feliz por vocês, eu realmente fico, mas não posso evitar e fico curiosa sobre o que houve naquele dia em que vocês brigaram. Afinal, o que meu pai te disse naquela vez?

— Isso realmente importa? — Ramon perguntou, sério.

— Como assim?

— Ísis, não é que eu queira guardar segredos de você ou algo do gênero, longe disso, mas seu pai me disse coisas absurdas naquele dia, coisas que eu prefiro esquecer, coisas que ele próprio já admitiu se arrepender de ter dito. Não quero criar um clima ruim entre você e ele por algo que já ficou no passado.

— Entendo... — Ísis disse, deixando escapar um suspiro.

— Você sente que é realmente importante saber as coisas que ele me disse daquela vez? — ele questionou, sério. — Mesmo que isso abale a relação de vocês? — Ramon continuou, enquanto se ajeitava melhor na cama para poder olhar para a namorada com mais atenção.

Ísis encarou o namorado por alguns segundos, analisando tudo o que ele tinha lhe dito, e então acenou que não com a cabeça.

— Não, eu não quero saber. Não importa, se isso apenas for reviver uma confusão que já foi morta e enterrada por vocês, não faz sentido. Se vocês dizem que está tudo bem agora, isso é o que importa.

— Obrigado...

— Por...?

— Por confiar em mim — disse Ramon, enquanto se inclinava em direção à namorada e abeijava com cuidado, como se tivesse todo o tempo do mundo.

— Puta que pariu! — gemeu Ísis.

— O que houve? — perguntou Ramon, se afastando do beijo.

— É que o seu beijo é tão bom, tão perfeito...

— Sabe que não podemos, né?

— Sim, eu sei... Mas pode só continuar me beijando, então? Não

precisamos ir além, mas só de ficar aqui, nos seus braços, sentindo seus beijos... Isso é tão bom.

Ramon deixou escapar uma pequena risada e concordou com a cabeça.

— *Okay*, então, dona Ísis. Seu pedido é uma ordem.

Ele precisava pedir aquela mulher em casamento.

Logo, Ramon prometeu a si mesmo.



Porque eu te amo e não consigo me ver sem ser o teu amor por anos. Não é acaso, é só amor. Não existe engano que me carregue pra longe, que te faça outros planos, meu bem, teu cheiro só tu tem, tua boca só tu tem, me tem ♪

ANAVITÓRIA - Porque Eu Te Amo

— Ansiosa para o seu presente de Natal? — perguntou Paula, enquanto ajudava Ísis a terminar de se arrumar para a festa de Natal. Seriam apenas os quatro, já que boa parte da família estava no Brasil, ou seja, sem grandes festas como costumavam organizar.

— Sim, Ramon escondeu muito bem dessa vez. Não consegui encontrar aquela caixa de joias novamente— a morena confessou, enquanto passava um pouco do perfume doce que adorava e que era sua marca registrada. — Eu preciso comprar um novo perfume, o meu vidro está no fim.

— Falando nisso... — disse Paula, de repente, enquanto caminhava até sua bolsa e retirava de lá um pequeno embrulho de presente.

— É pra mim?

Paula sorriu, acenou que sim, e entregou o embrulho nas mãos da morena.

— Espero que você goste, querida— Paula disse, curiosa para descobrir a reação da garota.

Ísis aceitou o embrulho com um sorriso animado e, com mais paciência que Paula julgava que seria possível, ela abriu delicadamente o presente.

— É o perfume que eu adoro! — Ísis exclamou, divertida.

— Sim, eu reparei que seu perfume estava acabando e eu sei o quanto você o adora. Pareceu um presente perfeito — Paula disse, em um tom amigável.

Ísis abraçou Paula.

— Sim, eu sei, e eu te agradeço por isso — respondeu ela, abrindo um sorriso.— Muito obrigada mãe, foi um presente perfeito.

— Então acertei na escolha?— quis saber Paula.

Ísis acenou que sim com a cabeça.

— Sim, é perfeito. Muito obrigada... Me pergunto se devo te entregar seu

presente agora ou se devo esperar até mais tarde...

Foi então que Ísis reparou que sua sogra estava emocionada.

— O que houve?

Paula apenas encarou Ísis, sem dizer nada por algum tempo.

— Eu só parei para pensar no quão perto estivemos de perdê-la e no quanto eu sentiria falta do seu sorriso — Paula disse, por fim. — Acho que fiquei mais emocionada do que eu esperava quando pensava em tudo isso — falou a mulher, com um pequeno sorriso, enquanto enxugava seu rosto.

Ísis abriu um sorrisinho e abraçou a mulher, enquanto as duas deixavam escapar algumas lágrimas, e foi nesse momento que Ramon entrou no quarto e se assustou a ver as duas mulheres chorando.

— O que houve? — Ramon perguntou, extremamente assustado.

Ísis apenas abriu um pequeno sorriso.

— Nada demais, apenas tivemos um pequeno momento mãe e filha — ela respondeu por fim, olhando para seu namorado com os olhos lacrimejados pelas lágrimas. — Ramon, não precisa se preocupar, *okay*? Está tudo bem... São só os hormônios.

— Sim, estamos apenas sendo mulheres e sensíveis — Paula brincou, enquanto enxugava suas lágrimas. — Não há nada com que se preocupar, querido.

Ramon apenas ergueu uma sobrancelha, confuso com tudo o que estava acontecendo e com o choro sem sentido das mulheres.

— Certo... Continuem... Sabe-se o lá o que estavam fazendo.

E, dando as costas para elas, saiu do quarto, o que fez as duas mulheres começarem a rir com toda aquela situação.

— Acho que o deixamos confuso... — Ísis comentou, olhando para sua madrastra.

As duas se encararam e começaram a rir novamente.



Ramon levantou-se do sofá onde estava sentado, com Ísis ao seu lado, encostada em seu corpo. Eles já tinham jantado em família e trocado alguns presentes entre si, apesar de ele ter tentado não rir quando Ísis o encarou de rabo de olho no momento em que ele deu a ela um belo vestido como presente de Natal, e não a caixinha que ela estava esperando.

Às vezes era tão divertido irritar sua namorada.

— Aonde você vai?— Ísis quis saber, e ele rapidamente pensou numa desculpa.

— Ao banheiro, bebi champanhe e vinho demais essa noite — Ramon respondeu.

Não era mentira, ele realmente precisava ir ao banheiro, e tinha mesmo bebido bastante com seu padrasto e com sua mãe, enquanto Ísis havia ficado apenas no suco, afinal, eles não queriam se arriscar nem mesmo que ela tomasse uma pequena taça ou um gole que fosse, considerando que ela ainda estava tomando suas medicações, proibição esta que a morena aceitou numa boa.

Ísis abriu um pequeno sorriso e voltou a conversar com sua mãe, distraída enquanto comentavam sobre ideias de decoração para o quarto do bebê.

Caminhando até o banheiro do casal, Ramon abriu a gaveta onde costumava guardar suas camisinhas. Fazia um bom tempo já que ele não as usava, mas ele sabia que Ísis jamais veria com desconfiança aquele lugar, afinal, era uma gaveta praticamente esquecida dentro daquele apartamento.

Ou seja, o esconderijo perfeito.

Abrindo um sorrisinho maroto, Ramon retirou as camisinhas de cima da pequena caixa de veludo azul, colocando-a rapidamente em seu bolso.

Ele sabia o que precisava e o que queria fazer. Carlos já tinha lhe dado sua bênção, sua mãe tinha sido a única que o ajudou a escolher o anel em questão, e também tinha lhe dado seu apoio.

Ele só precisava fazer o pedido.

Caminhando até a sala, mais confiante, ainda que muito nervoso, Ramon abriu um pequeno sorriso e estendeu a mão para Ísis.

— Pode me acompanhar?— Ramon pediu a ela, com um leve sorriso no rosto.

— Hum... Claro — Ísis respondeu, colocando seu suco na mesa de centro e aceitando a mão esticada de Ramon.

Ramon abriu um pequeno sorriso e a levou até a varanda do apartamento. Ainda um pouco confusa, Ísis esfregou os próprios braços por causa do frio que sentia, mas logo seu namorado colocou um pesado casaco de frio em seus ombros.

— O que estamos fazendo aqui?— ela perguntou.

— Só mais alguns segundos — Ramon respondeu, de modo misterioso, enquanto checava o relógio em seu pulso.

— Nossa, tanto mistério... — Ísis brincou, com um leve sorriso nos lábios.

— Dez segundos — Ramon disse, de repente, e começou uma contagem regressiva, enquanto tampava os olhos da namorada com as mãos. — Dez... Nove... Oito... Sete... Seis... Cinco... Quatro... Três... Dois...

Então ele retirou sua mão dos olhos dela e Ísis viu vários fogos de artifícios no céu. Era tudo muito lindo e empolgante, até que uma mensagem se formou no meio dos fogos.

"Quer se casar comigo?", era o que a mensagem dizia.

— Oh, meu Deus! — ela exclamou, surpresa, e quando se virou para olhar para o namorado, viu que ele estava ajoelhado e tinha uma caixinha de veludo azul nas mãos, a mesma que a havia deixado curiosa dias atrás.

Quando ele a abriu, mostrou-se um belo anel de diamante, com um corte simples, mas que era lindo aos olhos de Ísis.

— Ísis Amora Andrade, você me conquistou e, por mais que eu tivesse tentado fugir pra longe de você, no fundo, você tinha razão, e eu era seu. Hoje eu vejo o quanto fui bobo. Você é minha amiga, minha companheira, minha amante, minha namorada, a futura mãe dos meus filhos, sim, filhos, eu pretendo ter vários com você. Eu sempre fui seu... E por isso eu estou hoje aqui, ajoelhado na sua frente, pedindo que me torne seu, totalmente seu. Case-se comigo, por favor— Ramon disse.

Ísis deixou escapar um grito agudo e cheio de felicidade, e rapidamente acenou que sim com a cabeça, enquanto as lágrimas escorriam por seus olhos.

— Sim, sim, mil vezes sim... — foi a resposta de Ísis, com um sorriso nos lábios.

Ramon colocou o anel na mão de Ísis e beijou-a com delicadeza.

—Juntos! — Ramon disse, de repente.

Então Ísis completou.

—Sempre — Ramon disse, também de repente.



— Então é isso, agora você é oficialmente a senhora Ferraz— Ramon comentou com um sorriso, enquanto levava Ísis em seus braços e atravessava a soleira da porta do quarto do hotel em que ficariam naquela noite.

Ísis riu, divertida e, ao ser colocada no chão, esperou apenas que Ramon fechasse as portas, para então envolver seus braços ao redor do pescoço dele e roubar-lhe um rápido beijo.

Eles estavam casados. Oficialmente casados. E uma pesada e linda aliança de ouro repousava agora em seus dedos.

Uau! Isso era tudo tão *empolgante*!

— Como você se sente com isso? Sendo a senhora Ferraz? — Ramon perguntou, curioso.

Ísis ficou na ponta dos pés e roubou outro rápido beijo de seu marido.

— Muito... Muito feliz. Esse é o dia mais incrível da minha vida— ela comentou, com um sorriso nos lábios. — E, sabe? Eu adoro você ouvir me chamar de senhora Ferraz... Me excita— ela confessou, com um sorriso malicioso, mordendo o lábio inferior de Ramon.

Ramon apenas encarou Ísis, sem dizer nada, e abriu um largo sorriso.

— Te excita, é?— Ramon questionou-a, enquanto puxava a garota para perto de si, ouvindo o riso de Ísis com o ato.

Ísis ficou parada, em silêncio por alguns segundos, encarando Ramon fixamente.

— O que tanto encara? — Ramon perguntou, mordendo o lábio inferior de sua esposa.

Esposa... Ele poderia se acostumar com aquela palavra facilmente

— Você, eu sempre estou olhando pra você —Ísis respondeu, com um sorrisinho no rosto.— Eu te amo — ela falou, abrindo outro sorrisinho.

Ramon fez o mesmo e roubou um beijo dela.

— E eu amo você.

— Agora, quando é que você vai me ajudar a sair desse vestido e me foder até meus olhos se revirarem e eu esquecer como andar?— perguntou Ísis, com

um sorriso provocante, enquanto se afastava do marido e se sentava na cama do hotel.

Ramon apenas puxou sua gravata para fora e deixou escapar um rosnado.

— Você adora me provocar, né, garota?

Ísis abriu um pequeno sorriso ao ser chamada assim. Sim, ela era a garota dele, ela sempre seria.

— Sempre...— disse Ísis, de modo malicioso. — Então, vai ficar só encarando ou fazer algo, *Ramonzito*? — ela falou, erguendo uma sobrancelha.

Ramon abriu um largo sorriso, e começou a tirar seu smoking, assumindo aquela expressão safada e mandona que ela adorava e que sempre a excitava.

— Tire todas as suas roupas, quero que fique apenas com seus saltos — Ramon ordenou. — Fui claro? — Ramon perguntou, enquanto, com a ponta dos dedos, erguia o rosto de Ísis em sua direção e acariciava seus lábios.

Ísis apenas assentiu com a cabeça e engoliu seco.

— Sim, senhor— ela respondeu por fim, olhando para o marido de modo malicioso.— Ramon...— ela o chamou, mas ele apenas ergueu uma sobrancelha. — Senhor... Posso lhe fazer um pedido?— ela falou, tímida.

— Diga o que desejas, menina? — ele perguntou.

Ísis engoliu seco e o encarou, enquanto mordiscava seu próprio lábio inferior.

— Eu quero que você me possua... Por trás.

— Merda, garota! — Ramon respondeu, tentando controlar seu gemido e sua excitação ao ouvir a fala da namorada.

Ramon e Ísis sempre tinham comentado sobre sexo anal e ele já tinha demonstrado ter interesse várias vezes, mas como ela sempre parecia se ressentir ou ficar desconfortável quando ele sugeria, Ramon tinha decidido deixar a possibilidade de lado por um tempo, esperando prepará-la para que ela pudesse aceitá-lo mais tarde.

Eles tinham feito alguns jogos, haviam brincado com alguns plugues anais, de modo a deixá-la mais confortável, mas Ramon considerava aquele um trabalho em andamento e não que Ísis finalmente fosse ceder.

— Então eu vou realizar seu desejo, minha menina, eu vou *fuder* esse seu *cuzinho* apertado e fazer você implorar por mais — Ramon disse, em um tom extremamente malicioso, inclinando-se em direção a Ísis e beijando-a de modo lento e sensual, até que ela estivesse praticamente gemendo em sua boca.

— Agora, fique nua pra mim! — ele ordenou novamente.

Ramon abriu alguns botões de sua camisa, levantou a manga de sua camisa social e, servindo-se de um pouco de gim, sentou-se na poltrona que havia no quarto e passou a observar Ísis enquanto ela se despia.

Sua pequena protuberância, onde seu filho crescia, no ventre de sua mãe, fez o moreno abrir um sorriso orgulhoso.

— Agora venha e me dispa... — Ramon ordenou.

Ísis fez exatamente o que ele pediu, arrepiando-se a cada toque suave dos dedos de Ramon sobre sua pele. Quando Ísis estava prestes a tirar a calça de Ramon, ele a parou.

— Ainda não... Deite-se na cama—ele ordenou, e ela o fez.

Ramon então começou com vários beijos, não só na boca de Ísis, mas descendo para o pescoço e voltando para a boca, enquanto ela gemia, sentindo seu corpo queimar.

—Coloca a mão lá embaixo.

—É uma ordem?

Ramon acenou que sim e, divertindo-se com a situação, Ísis fez o que lhe foi pedido, enquanto ouvia as ordens de seu marido.

—E imagina que sou eu masturbando você.

—Sim, senhor.

— Meus dedos entrando dentro dela e esfregando ela, tocando por cima do clitóris.

Ísis deixou escapar um pequeno gemido, mas continuou se tocando enquanto Ramon tirava a calça e ficava só de cueca boxer branca, o que criava um contraste lindo para Ísis, da pela morena com a cor da boxer.

Ramon então agarrou seus joelhos e abriu as pernas de Ísis, ficando entre elas, enquanto se esfregava na mulher. Ísis podia senti-lo quente por trás da cueca.

Céus!, ela estava delirando ali, e ele ainda não tinha feito quase nada.

Abrindo um sorriso malandro, Ramon foi até o ouvido dela e sussurrou:

— Quero foder essa buceta, tão gostoso....—ele disse, enquanto passava a língua na orelha dela. — Mas depois, vou cumprir seu desejo e te foder por trás. Antes, quero você bem excitada comigo.

Ramon provocou-a, lambendo seu dedo e o colocando-o na porta da entrada dos fundos, o que fez com que Ísis deixasse escapar um palavrão:

—Caralho!

O moreno então se inclinou em direção a ela e a beijou, antes de finalmente libertar seu pênis da cueca, e sussurrou no ouvido dela.

—Sente ele quente, querendo entrar em você.

Ísis deixou escapar um pequeno soluço de desejo.

— Por favor... —ela implorou.

— Pedindo com tanto carinho assim, quem sou eu pra negar?— Ramon brincou, antes de penetrá-la.

Ísis podia sentir o pênis dele passando pelas suas paredes, enquanto suas veias latejavam, abrindo espaço até o seu interior. Ramon então levou sua boca até os peitos dela, devorando-os, enquanto passava a língua por cima deles, para depois agarrar um deles com sua boca, prendendo um bico entre seus dentes.

— Céus... Eu vou enlouquecer!— Ísis exclamou.

Ramon continuou passando a língua entre eles, deixando seus mamilos duros, enquanto seguia com seus movimentos, sua mão direita indo até lá embaixo, onde começou a estimular ainda mais Ísis, fazendo com que ela logo chegasse ao orgasmo.

Enquanto ela ainda tentava se recuperar do que tinha acontecido, Ramon colocou-a de quatro, sondando-a por trás com a ponta dos dedos, levando a umidade de Ísis até a outra região.

— Agora vou comer esse seu cuzinho, como você me implorou antes—ele sussurrou no ouvido dela, inclinando seu corpo para a frente. — Só preciso deixá-la mais úmida, quero que isso seja inesquecível para nós dois.

— Minha bolsa... — Ísis disse, com a voz ainda meio fraca pelo último orgasmo.

Curioso, Ramon afastou-se e abriu a bolsa para a qual Ísis apontava com a ponta dos dedos. Lá dentro havia alguns itens próprios dela, mas ele logo entendeu ao que ela se referia quando encontrou o tubo.

Era um gel lubrificante à base de água.

— Veio preparada? — ele perguntou com um sorriso.

— Sempre— Ísis respondeu tranquilamente.

Ramon deixou escapar uma risada rouca e voltou para junto de Ísis. Posicionando-se por trás, ele usou um pouco do gel, espalhando-o pelo ânus dela com os dedos, observando as reações da garota, para ter certeza de que ela continuava confortável com tudo aquilo.

Enquanto isso, Isis gemia, em um misto de dor e prazer. Era uma ardência diferente do que estava acostumada, mas, ao mesmo tempo, a sensação era extremamente poderosa, e saber que Ramon a tomaria por trás só a deixava ainda mais excitada. Céus, ela deveria ser alguma depravada.

Para ajudá-la a relaxar, ele levou sua outra mão até a parte íntima dela, masturbando-a para que ela entrasse novamente no clima. Quando sentiu que Ísis finalmente estava relaxada, Ramon se posicionou e começou a penetrá-la por trás, ouvindo alguns gemidos da garota.

— Tudo bem? —ele perguntou. — Podemos parar, se quiser.

— Tudo bem sim, é só um pequeno desconforto, mas continue, por favor—ela pediu.

Atendendo ao pedido da garota, ele continuou a penetrá-la, bem lentamente,

ainda que seu corpo estivesse implorando para que ele fosse até o fim. Quando seu pênis a invadiu totalmente, Ramon precisou respirar fundo e se concentrar para conter o impulso de querer se movimentar, porque queria dar um tempo para que Ísis se acostumasse.

— Pode se mexer— Ísis disse.

E Ramon fez o que ela pediu. No início, era tudo muito estranho para a garota, mas, pouco a pouco, ela podia sentir seu corpo entrando no clima, principalmente com os beijos que Ramon depositava em suas costas e em todo seu corpo, ao mesmo tempo em que ele continuava a masturbá-la.

Quando ambos atingiram o orgasmo, havia um sorriso lânguido e satisfeito em seus rostos.

— Isso foi... — Ramon começou a dizer.

— Perfeito— Ísis completou, e se inclinou para beijá-lo.



— VOCÊ NUNCA MAIS VAI TOCAR EM MIM... NUNCA — Ísis disse em meio aos seus gemidos de dores, enquanto apertava a mão do seu marido.

— Você sabe que não vai conseguir cumprir essa promessa, não sabe querida? — Ramon perguntou com um pequeno sorriso, para depois deixar escapar um pequeno gemido de dor quando Ísis apertou sua mão com ainda mais força.

— CARALHO, ISSO DOÍ... EU QUERO UMA ANESTESIA. — gritou Ísis, sentindo uma forte contração.

— Respire fundo, amor, assim como aprendemos nas... — Ramon disse tentando acalmá-la.

— Céus! Isso dói como inferno e você está me pedindo para respirar? — Ísis disse, interrompendo a fala do advogado. — Eu quero anestesia! E vou entrar em greve de sexo...



No fim, levou seis horas até que o pequeno Thomas finalmente chegasse ao mundo, com dois kilos e oitocentos, pesando setecentas gramas.

— Obrigado. — Ramon disse com lágrimas nos olhos, tentando retomar o controle sobre suas emoções... Ao menos o tanto que ele conseguia controlar naquele momento.

— Por? — Ísis perguntou, enquanto encarava com muito carinho a cena de Ramon segurando o filho deles.

— Por ter me feito um pai. — Ramon disse, com um grande sorriso e voltou a ninar a criança.

— Amor... — Ísis o chamou de repente.

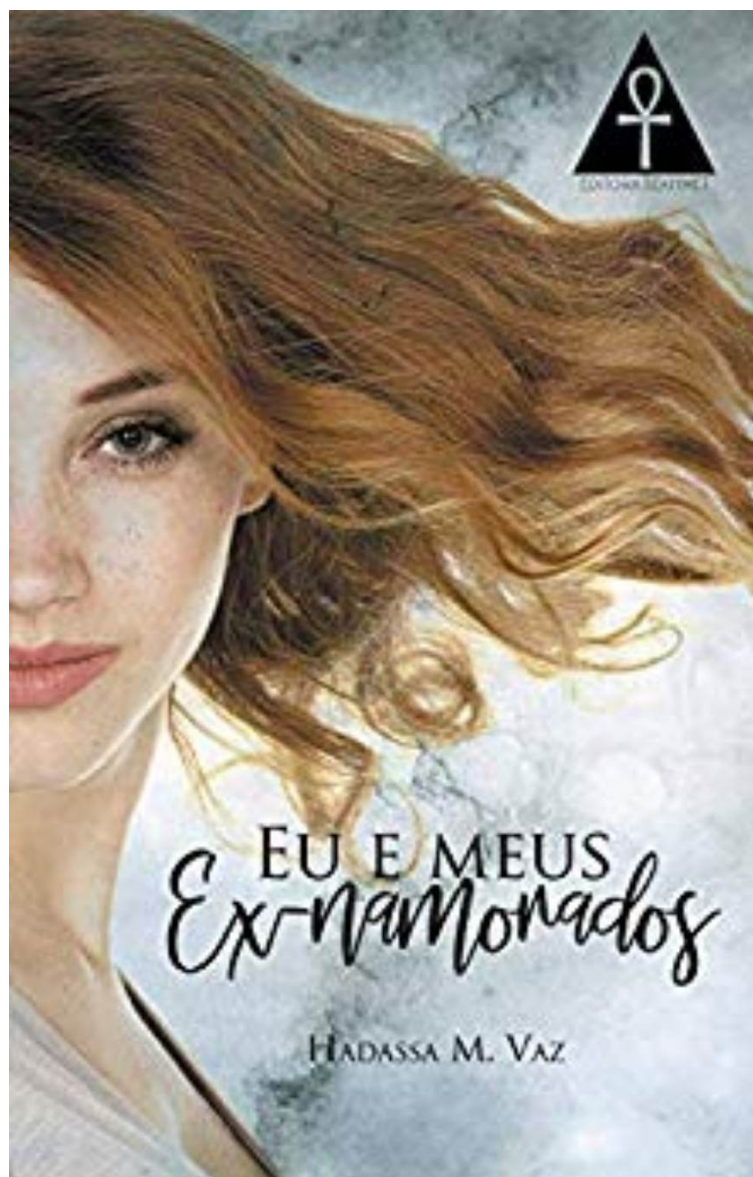
— Sim? — Ramon perguntou.

— Desculpa por antes. Só disse tudo aquilo por causa da dor — ela confidenciou— Sinceramente, jamais seria capaz de fazer greve de sexo por muito tempo.

Ramon apenas riu e depositou um beijo na testa de Ísis.

— Eu sei.— ele disse rindo — Eu te amo e amo nosso Thomas também.

CONHEÇA OUTRAS HISTÓRIAS DA
AUTORA!



O que fazer quando você é a madrinha do casamento de sua prima e melhor amiga, mas não deseja encarar sozinha seu primeiro amor... Aquele que te traiu às vésperas de se casarem anos atrás?

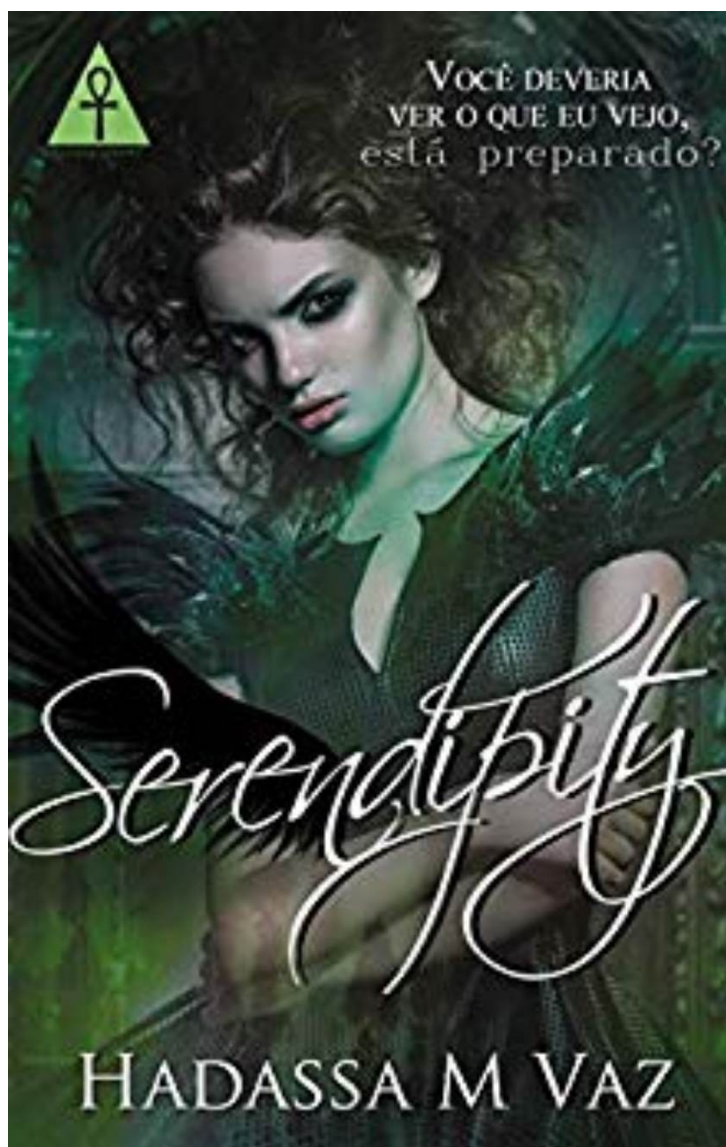
Simples, você pode beber algumas taças de vinho, tomar coragem e pedir um favor a um de seus exs.

Amanda só não contava que por causa da noite de bebedeira ela convidaria não um, mas seus três exs belos namorados para

acompanhá-la.

Em meio as loucuras de sua família casamenteira, uma noiva em crise, um ex-noivo que ainda mexe consigo, ela ainda se vê completamente confusa quando seus exs se unem dispostos a reconquistá-la.

Quem vai levar a noiva... Ops, a madrinha?



Você deveria ver o que eu vejo, está preparado?

Sophie Gardner sempre foi diferente das outras garotas de sua cidade. Sendo uma paranormal ela cresceu vendo e ouvindo coisas que muitos não conseguem ver e ouvir.

Não que ela goste de ser diferente, pelo contrário, ela daria tudo para ser tão comum quanto às outras garotas, ter um par no baile da escola

e coragem de se declarar para aquele cara da cafeteria em frente à escola.

Quando a linha que separa nosso mundo, os dos vivos, do mundo dos Outros, é ameaçada, Sophie descobre que terá que usar seu dom para manter ambos mundos protegidos, enquanto precisa lidar com os sentimentos em conflitos que seus protetores lhe despertam.



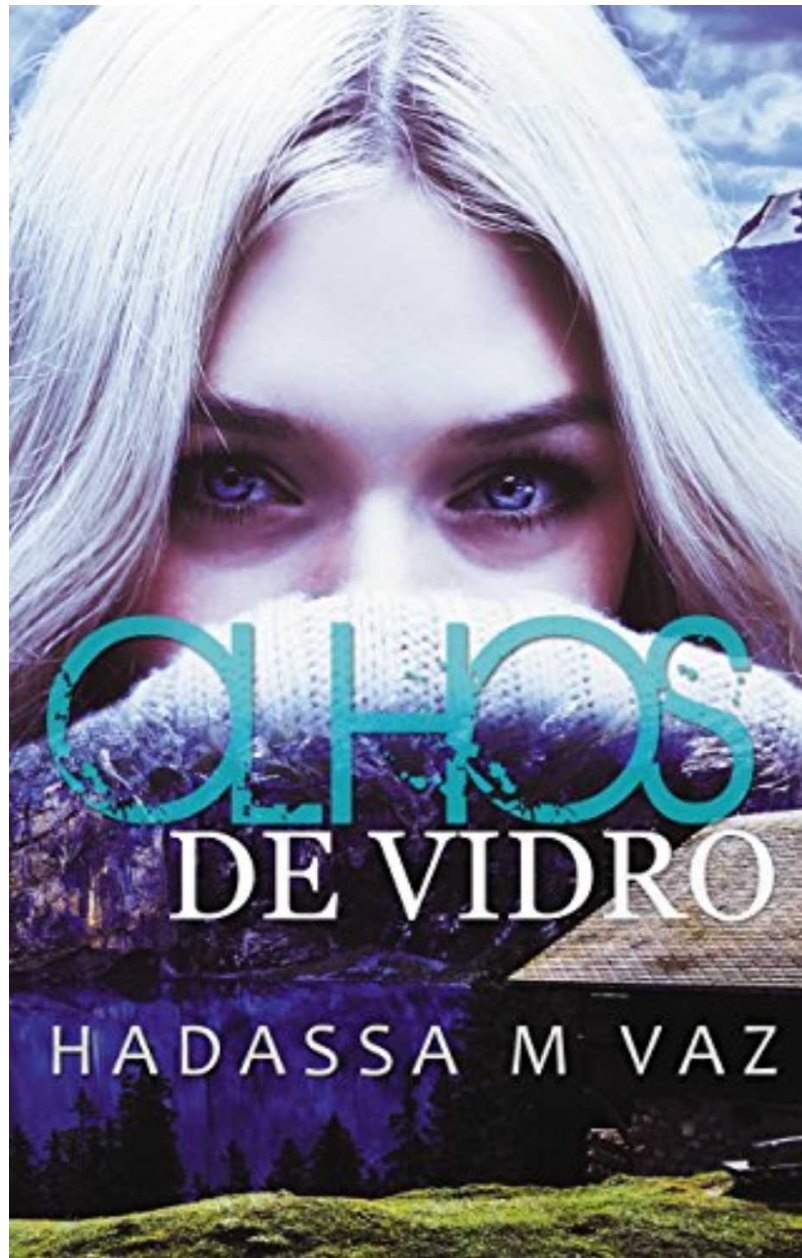
Lavínia e Connor pareciam ser o casal perfeito, mas toda ilusão de cristal se quebrou após o casamento. Ele vivia sempre em meio a mulheres e bebidas, completamente esquecido da esposa. Ela estava disposta a dar um fim ao casamento, incapaz de suportar por mais tempo as mentiras e as traições.

Até aquela noite.

Connor agora está preso a uma cadeira de rodas, encontrando, no acidente que sofreu, um momento para refletir sobre suas ações e perceber que precisa mudar seu estilo de vida, isso inclui fazer sua

esposa feliz como ela sempre mereceu.

Lavínia, para a surpresa do marido, aceita continuar com ele e ajudá-lo na recuperação, mas a verdade se revela quando ambos estão a sós: Ela quer vingança. E Connor, fragilizado e indefeso, só torna as coisas mais fáceis.



Ela tinha os mais belos e tristes olhos que já Oscar já tinha visto, quando ele a conheceu. Aqueles olhos violetas agora o perseguiram em seus sonhos, em lembranças de dias distantes, em fotos espalhadas pela casa, o encaravam no espelho enquanto fazia a barba.

Ele jamais esqueceria a moça dos olhos de vidro... E nem sua história, sua culpa e seu arrependimento. Em meio a uma viagem as suas

memórias do passado, apenas uma pergunta permanece: Seria tarde demais?

INFORMAÇÕES SOBRE A SEKHMET.

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA SEKHMET, visite nossa página no Facebook www.facebook.com/EdSekhmet, conheça nosso site e curta nossas redes sociais. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



Facebook.com/EdSekhmet



Instagram.com/EdSekhmet